

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

MARIA ANGÉLICA PAZ RIBEIRO

**ENSINO DE INGLÊS COM TIC NAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE
PORTO ALEGRE: UMA REALIDADE?**

Porto Alegre

2015

MARIA ANGÉLICA PAZ RIBEIRO

**ENSINO DE INGLÊS COM TIC NAS ESCOLAS PÚBLICAS MUNICIPAIS DE
PORTO ALEGRE: UMA REALIDADE?**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientadora:

Dra. Ana Vilma Tijiboy

Porto Alegre

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Vladimir Pinheiro do Nascimento

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. José Valdeni de Lima

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva de estar aqui e receber a chance de mais esta conquista.

Agradeço aos meus pais José Garibaldi Ribeiro e Ida dos Santos Paz Ribeiro (ambos *in memoriam*) por sempre acreditarem em mim e incentivarem-me a seguir o caminho dos estudos, proporcionando boas escolas e oportunidades, mas, principalmente, por todo o amor que a mim dedicaram.

Agradeço ao meu filho, João Ribeiro Lerman, meu amado nativo digital, sol da minha vida, pela colaboração, compreensão e incentivo. E pela paciência nos inúmeros momentos em que fui obrigada a privá-lo da minha companhia para estudar.

Agradeço à professora Liane Tarouco, pessoa única, indescritível e pioneira na área da Informática, por ter me convidado a realizar esta Especialização e, inclusive, insistido.

Agradeço a minha orientadora, professora Ana Vilma Tijiboy, pela paciência, incentivo e dedicação, fatores que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Agradeço a toda a equipe do Curso de Especialização Mídias na Educação, em especial às tutoras Bárbara Gorziza Ávila, Cristiane Abreu, Lediane Woiciechoski e a minha colega Helena Nogueira.

RESUMO

Esta monografia objetiva descobrir se as TIC estão sendo incorporadas no ensino da língua inglesa nas escolas públicas municipais de Porto Alegre – RS. Tenta ainda saber como as aulas de inglês são desenvolvidas atualmente nessas escolas. Aprender uma língua estrangeira precisa ser significativo para o aluno, se não ele perde o interesse. Contudo, não basta motivá-los explicando as finalidades de tal aprendizado, as aulas têm de ser atraentes, criativas e, principalmente, digitais, visto que essa geração atual é totalmente conectada. Surge então o grande desafio dos professores: eles próprios necessitam transformar-se, reinventar-se, atualizar-se, passando de analógicos a digitais. A importância da língua inglesa no mundo globalizado e interconectado também é alvo desta pesquisa, assim como são estudados o perfil do aluno da Era Digital e os desafios que essa Era impõe à escola, professores e gestores públicos. São mostradas algumas possibilidades oferecidas pela Internet ao ensino do inglês, como: blogs, youtube, podcasts, Google Translator, sites de ensino de inglês, redes sociais estrangeiras, dicionário online, E-books e músicas. Através do estudo do material bibliográfico existente em relação ao assunto e por meio de uma pesquisa de campo de natureza qualitativa do tipo descritiva, conseguimos obter algumas respostas aos nossos questionamentos. Os resultados demonstraram que as TIC estão começando a ser inseridas nas aulas de inglês, através do uso de CDs, música, vídeos, mas o livro didático ainda é o recurso mais utilizado. Os professores possuem familiaridade com as tecnologias nas suas vidas cotidianas; todos têm computador, celular ou smartphone e fazem uso de vários recursos disponibilizados pela Internet. Acredita-se que investimentos no LABIN, com manutenção dos equipamentos, aquisição de softwares educacionais de inglês, uma boa conexão com a Internet e em capacitações para os docentes, que unam tecnologia com as teorias de aprendizagem, colaborando para que surja uma consciência docente sobre as novas possibilidades pedagógicas das tecnologias na educação, seriam elementos cruciais para mudar a realidade constatada em relação ao ensino de inglês em escolas municipais de Porto Alegre. Os dados também sugerem, que os esforços governamentais não bastam para uma mudança substancial no que diz respeito à utilização das TIC no ensino de inglês, mas é necessário que haja um incentivo claro por parte dos gestores ou administradores locais (diretores escolares), que se encontram mais próximos dos docentes.

Palavras-chave: Educação. TIC. Língua Inglesa.

ABSTRACT

This monograph aims to find out whether ICT is being incorporated into the English language teaching in public schools in Porto Alegre - RS. Still trying to find out how the English classes are currently undertaken in these schools. Learning a foreign language has to be meaningful to the student, unless he loses interest. However, it is not enough to motivate them explaining the purpose of such learning, the classes have to be attractive, creative and especially digital, since this current generation is fully connected. Then comes the challenge of teachers: they themselves need to become, reinventing itself, update itself, from analog to digital. The importance of English language in a globalized and interconnected world is also the target of this research, as are studied the Digital Age of student's profile and the challenges that this was imposed on the school, teachers and public officials. Are shown some possibilities offered by the Internet to the teaching of English, such as blogs, youtube, podcasts, Google Translator, English teaching sites, foreign social networks, online dictionary, e-books and music. By studying the existing bibliography on the subject and through a qualitative field research descriptive, we can get some answers to our questions. The results showed that ICTs are beginning to be inserted in English class, through the use of CDs, music videos, but the textbook is still the most used feature. Teachers have familiarity with the technology in their everyday lives; all have computer, mobile phone or smartphone and make use of various resources available on the Internet. It is believed that investments in LABIN, maintenance of equipment, acquisition of English educational software, a good Internet connection and training for teachers, uniting technology with the theories of learning, contributing to the emergence of a teaching awareness new pedagogical possibilities of technology in education, would be crucial to change the reality observed in relation to English teaching in public schools in Porto Alegre. The data also suggest that government efforts are not enough for a substantial change with regard to the use of ICT in teaching English, but there needs to be a clear incentive for managers or local administrators (principals) that they are closer to the teachers.

Keywords: Education. ICT. English Language.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de Blog	30
Figura 2 – Blog de inglês mostrando expressões idiomáticas	31
Figura 3 - Tela de abertura do site da Livemocha	32
Figura 4 - Memrise - curso de inglês para acadêmicos.....	33
Figura 5 - Exemplo de podcast de inglês	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos professores entrevistados	42
Tabela 2 – Familiaridade dos professores com as tecnologias	43
Tabela 3 - Recursos da Internet utilizados pelos professores	44
Tabela 4 - Os LABINs das escolas	44
Tabela 5 – Recursos e metodologias utilizados nas aulas de inglês	45
Tabela 6 – LABINs: recursos utilizados e suas finalidades	47
Tabela 7 – Projeto de autoria dos professores envolvendo as TIC e o ensino de inglês	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CD	Disco Compacto
DVD	Disco Versátil Digital
LABIN	Laboratório de Informática
PC	Computador Pessoal
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UCA	Um Computador por Aluno

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
	REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.	A LÍNGUA INGLESA NA ATUALIDADE	12
2.1	A língua inglesa no currículo	12
2.2	A relevância da língua inglesa na educação	14
2.3	Revalorização da língua inglesa na Era Digital	16
3	EDUCAÇÃO E ESCOLA NA ERA DIGITAL	18
3.1	Objetivos da educação	18
3.2	O desafio da escola frente à Era Digital	21
3.3	Em busca de uma sintonia entre Escola e alunos	23
3.4	Nativos digitais	25
4	POSSIBILIDADES DA INTERNET NO ENSINO DA LINGUA INGLESA	29
4.1	Blogs	30
4.2	Redes sociais estrangeiras e sites de ensino de inglês	32
4.3	Google Translator	33
4.4	Dicionário online, E-books e Músicas	34
4.5	Podcasts	35
4.6	YouTube	36
5	A PESQUISA	39
5.1	Questões de pesquisa	39
5.2	Metodologia	39
5.2.1	Natureza da pesquisa	39
5.2.2	Instrumento de coleta de dados	39
5.2.3	Sujeitos da pesquisa	41
5.2.4	Processo de coleta de dados	41
6	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	42
6.1	Perfil do professor - primeiro bloco de perguntas	42
6.2	Familiaridade dos professores com as TIC – segundo bloco de perguntas	43
6.3	LABIN – Terceiro bloco de perguntas	44
6.4	Utilização das TIC no ensino de inglês – Questões abertas	45
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	54
	APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES	57

1 INTRODUÇÃO

O boom tecnológico aliado ao fenômeno globalização e à Internet derrubaram fronteiras, unificaram o planeta, trazendo profundas e rápidas modificações para toda a sociedade. A área da educação está entre as mais atingidas. A maneira como se aprende atualmente é completamente diferente de como se aprendia antes da revolução tecnológica.

Para Magdalena e Costa (2003) o acesso à Internet, que abre estas novas possibilidades ainda é restrito em nosso meio e é neste sentido que os professores das escolas públicas têm o papel fundamental de integrar esta ferramenta no cotidiano escolar, rompendo paradigmas vigentes.

As crianças e adolescentes de hoje nasceram num mundo digital, onde apertar botões é a voz de comando para muitas coisas. As gerações anteriores, ainda tentando compreender e se adaptar à nova era, sofrem buscando acompanhar esse enorme avanço.

O presente trabalho constitui-se no requisito final do curso de Especialização Mídias na Educação, no qual se escolhe um tema que interesse aprofundar. Devido a minha formação em Letras com ênfase no ensino da língua Inglesa e apesar de não estar lecionando no momento, me motiva verificar de que forma ocorre atualmente o ensino dessa disciplina. O tema me instiga por observar a desmotivação de adolescentes para com a aprendizagem da língua inglesa em um mundo globalizado no qual essa língua estrangeira goza de uma grande importância por expandir fronteiras sejam elas de conhecimento/informação, de comunicação e de trabalho.

Mas esta monografia é também uma oportunidade para refletir sobre outros aspectos relacionados à educação em geral, entre os quais: em uma sociedade marcada profundamente pela utilização de tecnologias nas mais diversas áreas da atividade humana, até que ponto a educação está sendo atingida/influenciada pelas tecnologias? Quais os novos desafios que a escola enfrenta hoje na sua função educadora de formar cidadãos preparados para o futuro? Quem são nossos alunos da era em que vivemos? A escola pode continuar a ensinar da mesma forma que o vem fazendo ou deve estar atenta a mudanças e características particulares do momento cultural e histórico em que está inserida? E principalmente como é realizado o ensino de inglês nas escolas

públicas? Isto é, os professores da língua inglesa estão incorporando as novas possibilidades que as tecnologias e as redes proporcionam hoje em dia?

Após a conclusão das disciplinas do curso de Especialização no qual foram abordadas diversas mídias ou recursos tecnológicos, e estudadas novas possibilidades pedagógicas envolvendo essas mídias importantes para transformações significativas na educação, considero relevante investigar se e como as escolas estão (ou não) incorporando as novas tecnologias no ensino de inglês.

Frente aos questionamentos e reflexões acima, o tema escolhido é o *uso das tecnologias no ensino de inglês nas escolas públicas*. Para abordar o tema, a monografia está organizada da seguinte forma: no segundo capítulo discute-se a importância (ou o papel) do ensino de inglês numa sociedade globalizada, sua relevância na Educação e a revalorização obtida por ele na Era Digital; segue-se expondo os objetivos da Educação, o desafio da escola frente a Era Digital e o perfil desses alunos, os nativos digitais; também são mostradas algumas das possibilidades que a Internet oferece ao ensino da língua inglesa, como: blogs, redes sociais estrangeiras, Google Translator, dicionário online, E-books, músicas, Podcasts e YouTube.

Na sequência, no capítulo 3, expõem-se as questões de pesquisa, metodologia, instrumentos de coleta de dados, sujeitos de pesquisa e o processo de coleta de dados.

No último capítulo, estão apresentados os resultados e a análise da pesquisa realizada, embasada no referencial teórico apresentado nos capítulos anteriores.

Finalmente, apresentam-se as considerações que se constituem nas aprendizagens mais relevantes sobre o tema abordado.

REFERENCIAL TEÓRICO

2. A LÍNGUA INGLESA NA ATUALIDADE

Na atualidade, dominar ou saber ao menos comunicar-se razoavelmente em um segundo idioma tem se tornado de suma importância. É possível afirmar que dominar uma segunda língua hoje consiste em uma necessidade, pois se vive em um mundo globalizado onde é preciso comunicar-se de forma assertiva e compreender a infinidade de novos fatos que somos expostos diariamente; grande parte das informações mais recentes são em língua inglesa.

Neste contexto, essa língua tem sido uma das mais utilizadas para a efetiva comunicação no mundo globalizado. Através dela, grandes chefes de Estado se comunicam e tomam decisões importantes que afetam nações. Da mesma forma, grandes empresas podem negociar e assinar contratos milionários no mundo inteiro. Além disso, pelo uso da língua inglesa, os profissionais de diversas áreas possuem maiores chances de se destacar no mercado de trabalho e os estudantes têm mais acesso à educação e ingressam em cursos em outros países com mais facilidade. Esses são apenas alguns exemplos relacionados à importância do inglês no mundo.

Para uma melhor compreensão sobre o estudo da língua inglesa na educação brasileira, destacam-se a seguir alguns tópicos relacionados aos motivos da língua inglesa constar no currículo, pontos ligados à relevância da língua inglesa na educação (globalização, mercado de trabalho, competitividade, pesquisas, etc.), e à revalorização da língua inglesa na era digital.

2.1 A Língua Inglesa no currículo

Há afirmações distintas sobre o porquê de a língua inglesa constar no currículo da educação nacional, porém, um dos aspectos mais destacado é pela possibilidade de ampliar a comunicação entre povos de diferentes línguas, seja via oral ou por escrito. Para Faraco (2002), a inclusão de uma língua estrangeira no currículo, como é o caso do inglês, permite maior interação entre as pessoas de maneira que a mensagem enviada e/ou recebida vá além da superficialidade das palavras e/ou frases fragmentadas ou desconexas.

Pesquisando sobre a importância da língua inglesa na educação brasileira em outros momentos históricos, constata-se que enquanto disciplina curricular ela foi implantada no Brasil por Dom João VI em 1809. Naquele período, as línguas inglesa e francesa foram incluídas no currículo em função das relações comerciais que Portugal mantinha com França e Inglaterra. A função básica do ensino dessas línguas voltava-se à capacitação dos estudantes para que eles tivessem condições de se comunicarem por escrito ou verbalmente. O método de ensino de línguas utilizado pelos professores na época era o Método Clássico ou Gramática-Tradução (SANTOS E SOUZA, 2011).

Desde o século XIX até a atualidade, muito tem se discutido a respeito do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras no Brasil. O Sistema educacional brasileiro já passou por importantes reformas, sendo que a língua inglesa, segundo Souza e Santos (2012), foi negligenciada e tratada indevidamente, em períodos distintos, até ser excluída da grade curricular obrigatória pelas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), promulgadas em 1961 e 1971.

No entanto, em função da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei federal nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996), foi criada a obrigatoriedade que uma língua estrangeira moderna fizesse parte do currículo escolar. E a Língua Inglesa passou a ser (e ainda é) a mais difundida tanto nas escolas públicas quanto nas escolas particulares. Além disso, diante das necessidades linguísticas e das prioridades econômicas do Brasil frente ao cenário mundial do momento, há quase que uma unanimidade de que as línguas inglesa e espanhola sejam as mais indicadas ao contexto brasileiro (SANTOS, 2012).

Essa obrigatoriedade do ensino de língua estrangeira encontra-se no seguinte trecho da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996 - Lei 9.934/96):

[...] Na parte diversificada do currículo será incluído, obrigatoriamente, a **partir da quinta série, o ensino de pelo menos uma língua estrangeira moderna**, cuja escolha ficará a cargo da comunidade escolar, dentro das possibilidades da instituição; [...] será incluída uma língua estrangeira moderna, como disciplina obrigatória, escolhida pela comunidade escolar, e uma segunda, em caráter optativo, dentro das disponibilidades da instituição [grifo nosso]. (BRASIL, 1996)

Apesar desta obrigatoriedade e da elevada inclinação das escolas para o ensino de inglês (e espanhol), Souza e Santos (2012, p.3) salienta que a maioria das escolas públicas atua com limitações importantes no ensino aprendizagem da língua inglesa: "[...] apresentação das regras gramaticais mais básicas, exemplificadas com frases curtas e descontextualizadas, treinadas em exercícios escritos de repetição e de substituição típicos do audioligualismo". O autor menciona ainda que as escolas do Brasil, como um todo, não têm conseguido garantir a aprendizagem de línguas. Para desfrutar dessa aprendizagem, é necessário pagar um curso particular em escola de idiomas.

Em suma, por mais que, inicialmente, o foco dessa inclusão da língua inglesa no currículo fosse puramente comercial (relação de Portugal com Inglaterra), gradativamente, a língua inglesa tem influenciado nas mais diversas relações sociais e culturais do Brasil com outros países. No entanto, mesmo que o inglês seja um ensino obrigatório segundo as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e o ensino nacional ter passado por importantes reformas, ainda há muito a ser feito para que a aprendizagem da língua inglesa seja efetiva no ensino público brasileiro.

2.2 A relevância da língua inglesa na educação

O ensino e aprendizagem de uma língua estrangeira na escola podem ou não possibilitar, tanto para os alunos como para os professores, uma maior reflexão sobre assuntos variados do Brasil e do mundo, ampliar os conhecimentos teóricos e práticos, além de compartilhar experiências de vida, valorizar e conhecer as diferentes formas de cultura existentes. Ou seja, o ensino da língua inglesa torna-se relevante ao cenário educacional brasileiro, porque amplia o valor educacional e cultural e busca atender às necessidades linguísticas da sociedade e suas prioridades econômicas (SANTOS, 2012).

No mesmo sentido, Siqueira (2011) ressalta que o ensino da língua inglesa favorece diversos aspectos entre os quais o alargamento de possibilidades de se relacionar com outros povos entre outros citados a seguir:

A possibilidade de inserção e interação num universo social nos mais diferentes âmbitos (educacional, tecnológico, científico, sociológico, filosófico e etc.) e de **relacionamento com outros povos**, culturas e leituras, objeto do ensino brasileiro; é também enriquecido pelo ensino da Língua Inglesa e com a estruturação deste seguimento, o incentivo ao aluno a entender os vários significados linguísticos presentes nos mais diferentes textos, pode inserir-se de forma positiva no processo de comunicação global,

revelando que a linguagem é a referência de povos e culturas (SIQUEIRA, 2011, p.3).

Outra contribuição relevante do ensino da língua inglesa para a educação brasileira ocorre em função das exigências relacionadas à globalização, especialmente, ligadas às novas competências profissionais exigidas no mercado de trabalho. Neste sentido, Pilatti e Santos (2014) reforçam que, na atual Era da Globalização, tornou-se essencial o domínio da língua inglesa:

[...] percebe-se que esse processo de integração global requer a fluência em idiomas falados ao nível de língua franca, por exemplo, inglês e espanhol, **sendo que a língua inglesa figura como a mais importante devido a seu vasto uso e abrangência.** Nesse sentido, a **fluência nessa língua torna-se indispensável na conquista de espaço e atuação dos profissionais no mundo do trabalho** [grifo nosso] (PILATTI; SANTOS, 2014, p.2).

A globalização tem trazido uma redução do espaço e do tempo para a realização das mais diversas atividades, fazendo desaparecer as fronteiras entre países. Barreiras foram derrubadas e em função disso a comunicação, o contato, a negociação e o relacionamento entre pessoas aumentaram expressivamente. "Os meios de comunicação cada vez mais rápidos e eficientes marcam esse período, onde as informações e os acontecimentos giram em todo mundo ao mesmo tempo num ritmo mais acelerado" (HELD, MCGREW, 2001 apud PILATTI; SANTOS, 2014, p.2).

Juntamente com a globalização surgem novos desafios, pois as mudanças ocorrem mais rapidamente e o mercado de trabalho, conseqüentemente, torna-se cada vez mais competitivo. O aumento da competitividade exige que os profissionais sejam e mantenham-se altamente capacitados, para atender às novas demandas do mercado e integrarem-se à aldeia global. Além disso, há uma busca constante pela inovação e diferenciação nos mais diversos segmentos entre os países. Para sobreviver e prosperar neste mercado global altamente competitivo é necessário que os indivíduos saibam comunicar-se adequadamente, usando as ferramentas da tecnologia da informação e comunicação e trabalhando com foco nas inovações (PILATTI; SANTOS, 2014).

Nesse cenário, uma das importantes competências profissionais da atualidade está sendo o domínio de uma língua estrangeira, especialmente, do inglês. Segundo Siqueira (2011, p.2), com o objetivo de ampliação do conhecimento por meio da interação,

absorção de informações e adentramento no universo tecnológico, "a prática comunicativa no ensino de uma língua estrangeira surge, então, a partir da carência de condensar vários elementos envoltos no processo ensino-aprendizagem e de acompanhar o processo de um mundo globalizado". Entretanto, para que haja o domínio da língua inglesa no cenário educacional é preciso um "um ensino que esteja mais próximo dos anseios do aluno e de suas reais dificuldades no que tange a comunicação e a aquisição de informação".

2.3 Revalorização da língua inglesa na Era Digital

Além da importância da língua inglesa frente à globalização anteriormente discutida e à evolução das tecnologias de informação e comunicação (TIC), é possível dizer que se percebe certa revalorização do inglês na Era Digital. A geração digital, (os "Homo zappiens" ou nativos digitais), que nasceu a partir do final da década de 1980 em diante, "refere-se ao fato de as crianças atuarem em mundos digitais on-line ou a lidarem com informações digitais" (VEEN; VRAKKING, 2009, p.29).

Em outras palavras, na Era Digital, as pessoas atuam em um mundo virtual (internet - rede) e fazem uso das modernas tecnologias de informação e comunicação, buscando respostas imediatas indiferente do espaço e do tempo nos quais as informações estiverem inseridas. A Geração Digital (Homo zappiens) difere que qualquer outra geração, porque nasceu em um mundo digital, com todas as informações e as TIC disponíveis. Além disso, as crianças da Era Digital aprendem brincando por meio da televisão, MSN, telefones celulares, iPods, blogs, vídeos, Wikis, salas de bate-papo na internet, jogos, etc. "Usam esses recursos e essas plataformas em redes técnicas globais, tendo o mundo como quadro de referência" (VEEN; VRAKKING, 2009, p.29).

É justamente neste contexto que a língua inglesa tem recebido certa revalorização. Apesar das opções de tradução online de línguas disponíveis na internet, a compreensão efetiva do conteúdo somente ocorre com o domínio desta língua. Para que haja uma interação eficiente, seja em relações sociais, culturais ou econômicas, é necessário que ambos os interlocutores dominem o idioma. Por isso a revalorização da língua inglesa no cenário educacional brasileiro, pois os nascidos na Era Digital estão conectados ao mundo e para uma efetiva inter-relação entre os povos, é essencial que estes saibam comunicar-se numa das línguas predominantes, podendo ser este o inglês. Como

menciona Kenski (2014, p.101), a nova escola tende a trabalhar "com interação permanente com o resto do mundo" e isso demanda, dentre outros aspectos, maior importância para as línguas inglesa e espanhola.

No entanto, nota-se que grande parte das escolas públicas brasileiras possui expressivas limitações no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa (SOUZA E SANTOS, 2012). Mesmo que o nível de qualidade do ensino da língua inglesa em escolas particulares seja mais elevado, se comparado às escolas públicas, ainda assim, pesquisas mostram certas deficiências nas escolas privadas de idiomas. Esses aspectos foram evidenciados no estudo de Martinevki (2013), que constatou falta de formação adequada ao docente e falta de atualização tecnológica pelas instituições, para atender às demandas atuais dos alunos (MARTINEVSKI, 2013).

Interessantes as palavras de Tijiboy (2001) ao comentar sobre "as novas tecnologias e a incerteza na educação". A interação entre a educação e a informática educativa tem sido um desafio relevante para os especialistas e educadores. A autora entende que há uma nova visão de mundo, do homem, da natureza, ou seja, uma nova maneira de ver o mundo (cosmovisão). É necessário que as instituições e os educadores façam uso dos novos recursos e atuem na transdisciplinabilidade. E que se aprenda a trabalhar apesar das incertezas. O mundo da Era Digital, composto por ciberespaço, comunicação virtual, internet, etc., trazem mais incerteza do que segurança à educação, e frente a essas incertezas é que a autora enfatiza que os professores não podem se paralisar, mas aprendam a conviver com elas.

Devido ao fato de que a Era Digital é marcada por pessoas que nasceram em um ambiente social impregnado do virtual e do tecnológico em escala global, a língua inglesa mostra-se como um dos importantes requisitos. E apesar de que muitas pessoas dessa Era ainda sejam crianças, estas, num futuro bem próximo, farão parte do mundo das relações culturais, sociais e econômicas do país. Desse modo, revalorizar e atuar na melhoria do ensino e aprendizagem da língua inglesa nas escolas (públicas e/ou privadas), podem auxiliar no desenvolvimento econômico e social do Brasil refletindo-se no cenário mundial.

3 EDUCAÇÃO E ESCOLA NA ERA DIGITAL

Apesar dos esforços do governo, da escola e dos professores até agora empreendidos para proporcionar uma educação condizente com a atualidade, ainda há muito a ser feito para atender às necessidades dos alunos dessa nova geração: nativos digitais.

Buscando refletir sobre esse contexto, apresentam-se a seguir a discussão de alguns aspectos, entre os quais: os principais objetivos da educação, a educação e escola ainda analógica, características dos alunos na atualidade.

3.1 Objetivos da educação

É comum entre educadores concordar com a ideia de que o principal objetivo da educação é a formação do indivíduo de forma integral, pleno e realizado. Essa formação não ocorre isoladamente, mas, sim, de maneira gradativa e é influenciada pelo contexto no qual o indivíduo está inserido. Em função disso, amplia-se o leque de estudos sobre o tema educação e sua função na sociedade.

Neste sentido, Antônio (2000) afirma que a educação, como processo pedagógico sistematizado de intervenção na dinâmica da vida social, possui prioridade dentre estudos científicos com vista à definição de políticas estratégicas, para o desenvolvimento integral das sociedades. Ainda, a educação pode ser entendida como mediação básica na vida de toda a comunidade humana.

Já no entendimento de Saviani (2000), é possível visualizar a educação como uma atividade mediadora no seio da prática social global. Ou seja, a educação é um instrumento, um meio, uma via pela qual o homem torna-se efetivamente homem, fazendo uso da cultura ou da produção humana acumulada durante a história. Em outra passagem, Saviani (2000, p.89) salienta que, com base na Pedagogia Histórico-Crítica, "a escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, do saber metódico, científico. Ela necessita organizar processos, descobrir formas adequadas a essa finalidade".

Diante da expressiva relevância que a educação possui frente à sociedade, todo o seu processo é legalmente fundamentado através de suas diretrizes. Para Saviani (2010), as diretrizes do Sistema Nacional de Educação buscam descrever os meios para se

alcançar os fins:

Ora, em se tratando de uma lei que se propõe a fixar as diretrizes e bases da educação nacional, mais ainda se impõe a conclusão antes apresentada. Com efeito, se por diretrizes e bases se entendem fins e meios, ao serem estes definidos em termos nacionais, **pretende-se não apenas indicar os rumos para onde se quer caminhar, mas organizar a forma, isto é, os meios através dos quais os fins serão atingidos.** E a organização intencional dos meios, com vista a se atingir os fins educacionais preconizados em âmbito nacional, é o que se chama Sistema Nacional de Educação [grifo nosso] (SAVIANI, 2010, p. 22).

Para outros teóricos, a formação de agentes ativos e críticos na sociedade atual traduz-se no principal desafio da educação. Não é simplesmente o saber pelo saber, nem o conteúdo pelo conteúdo sem profundidade ou objetivos, mas o saber como elemento que venha a favorecer esta construção. Não se pode esperar que o indivíduo atue socialmente se o mesmo não possui o conhecimento básico da estruturação, organização e funcionamento de uma sociedade. É necessário educar adequadamente para que as potencialidades próprias dos indivíduos sejam exercidas de maneira ampla e eficaz. Isso porque será justamente através dessas potencialidades, somada a sua personalidade e vontade, que este indivíduo irá administrar a bagagem adquirida na escola e fazer sua aplicação na vida prática. Esta aplicação é o resultado de todo o processo educacional que se reflete na vida do próprio indivíduo, no meio ao qual está inserido e na sociedade como um todo.

Segundo Paulo Freire (2008, p.60), “a única maneira de ajudar o homem a realizar sua vocação ontológica, a inserir-se na construção da sociedade e na direção da mudança social, é substituir esta captação principalmente mágica da realidade por uma captação mais e mais crítica”. Além disso, Freire salienta que o ser humano só tem possibilidade de participar ativamente na história, na sociedade e na transformação da realidade, se lhe for auxiliado a tomar consciência da realidade e de sua própria capacidade para transformá-la. Se o indivíduo não pode lutar contra as forças que não compreende, a não ser que descubra que é modificável e que ele pode fazê-lo, esta conscientização requer o primeiro objetivo da educação, e antes de tudo provocar uma atitude crítica, de reflexão, que comprometa a ação (FREIRE, 1983; 2007; 2014).

A ação de tomar consciência da realidade para poder modificá-la, na prática, realiza a transformação do (a) próprio indivíduo, que se percebe como agente

transformador; e (b) do meio, através das ações transformadoras empregadas por ele, que acaba por motivar novas iniciativas e realizações.

Fazendo uma retrospectiva da história humana, Tijiboy (2001) chama a atenção para o fato das mudanças que acontecem constantemente nas mais diversas áreas do conhecimento. Essas mudanças ocorrem em maior ou menor grau de profundidade, porém, "parecem existir certos momentos históricos em que a sociedade passa por transformações mais radicais que envolvem todas as suas instituições, chegando até os aspectos básicos de sua cultura" (TIJIBOY, 2001, p.40). A humanidade busca formas compatíveis para adaptar-se às mudanças e isso pode ser pensado, também, diante da nova realidade provinda das novas tecnologias de informação e comunicação. Esse novo cenário acaba por interferir diretamente na educação tradicional, ou seja, é necessário: (a) aprender a comunicação virtual e até reaprender a comunicação real; (b) aprender a navegar dentro de um ciberespaço sem fronteiras; e (c) navegar "livremente sem sair do lugar, explorando países e culturas distantes, áreas diferentes do conhecimento, conhecendo pessoas ou grupos de pessoas sem necessariamente estarmos juntos fisicamente" (TIJIBOY, 2001, p.41).

É possível dizer que, muitos concordam com que os objetivos essenciais da educação buscam o desenvolvimento ou a perfeição do homem. Mas o significado de "desenvolvimento do homem" é sempre o mesmo? Esse desenvolvimento ajusta-se às demandas de cada época da história. Na Época Industrial, por exemplo, a educação voltava-se para aspectos relacionados à produção e ao consumo em massa, sendo que o aluno não necessitava aprender a pensar. Já na atual Era da Informação ou Era Digital, apesar de predominar a incerteza e os objetivos da educação estarem em desenvolvimento, educar para a mudança ou para a incerteza, ou, ainda, educar para "aprender a aprender" poderiam ser traduzidos como fortes concorrentes a objetivos da educação atual (TIJIBOY, 2001, p.55).

Os objetivos da educação parecem transcender o conceito de formar indivíduos autônomos, conscientes da sua realidade e do meio, capazes de torná-los plenamente homens. Diante das atuais transformações ligadas à tecnologia da informação e comunicação e da prevalência das constantes mudanças e as incertezas contínuas, os objetivos da educação necessitam levar em conta a construção de um meio de aprendizagem capaz de analisar e compreender o atual contexto, de maneira que o foco seja "aprender a aprender continuamente".

3.2 O desafio da escola frente à Era Digital

À instituição escolar foi dada a função de formadora das novas gerações na intenção de que a mesma ofereça formação, convívio social, organização curricular e informações relevantes e de amplos aspectos, que colaborem na formação, construção e instrução do cidadão enquanto sujeito social. Para Bueno (2001, p.5), embora não possamos, e não devemos desconsiderar a importância da utilidade prática que os conhecimentos adquiridos na escola devam ter, não se pode restringir o acesso ao conhecimento somente a seu caráter utilitarista.

Desse modo, reformular a atuação da instituição escolar é um desafio para os que estão diretamente envolvidos com ela. São os educadores que assumem de frente os desafios da instituição, embora, muitas vezes, não estejam tão preparados seja por falta de tempo, de preparo ou de incentivo. O educador da atualidade está desatualizado e ainda apegado a um plano e uma base curricular rígida. Isso exige dele um novo olhar e um novo planejamento para aplicar de maneira diferente seus conteúdos, reformulando sua didática, contudo sem perder identidade enquanto profissional da educação (BUENO, 2001).

Segundo Prensky (2001), os professores do século XXI devem aprender a se comunicar com seus alunos através de uma linguagem e estilo comuns “que se faça entender”. Isso não significa mudar o significado das coisas nem sua importância e, muito menos, menosprezar suas habilidades enquanto educador. Ao contrário, significa, por exemplo, abandonar o passo a passo para ir mais rápido acompanhando o ritmo dos alunos. Implica aprofundar ainda mais criando uma parceria com seus alunos combinando seus conhecimentos e os deles.

A diversidade cultural, inerente a tudo que é humano, deve ser interligada na busca de um melhoramento do material humano e sociocultural. Afinal, deve-se fazer, na educação formal, o caminho inverso da fragmentação que, por longo tempo, predominou na instituição, mas que na atualidade da era das conexões, não cabe mais:

Conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele. Todo o conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente. “Quem somos?” é inseparável de “Onde estamos?”, “De onde viemos?”, “Para onde vamos?” Interrogar nossa condição humana implica

questionar primeiro nossa posição no mundo. O fluxo de conhecimentos, no final do século XX, traz luz sobre a situação do ser humano no universo. Os progressos concomitantes da cosmologia, das ciências da Terra, da ecologia, da biologia, da pré-história, nos anos 60-70, modificaram as ideias sobre o Universo, a Terra, a Vida e sobre o próprio Homem. Mas estas contribuições permaneceram ainda desunidas. O humano continua esquartejado, partido como pedaços de um quebra-cabeça ao qual falta uma peça. Aqui se apresenta um problema epistemológico: é impossível conceber a unidade complexa do ser humano pelo pensamento disjuntivo, que concebe nossa humanidade de maneira insular, fora do cosmos que nos rodeia, da matéria física e do espírito do qual somos constituídos, bem como pelo pensamento redutor, que restringe a unidade humana a um substrato puramente bioanatômico. As ciências humanas são elas próprias fragmentadas e compartimentadas. Assim, a complexidade humana torna-se invisível e o homem desvanece “como um rastro na areia”. Além disso, o novo saber, por não ter sido religado, não é assimilado nem integrado. Paradoxalmente assiste-se ao agravamento da ignorância do todo, enquanto avança o conhecimento das partes. Disso decorre que, para a educação do futuro, é necessário promover grande remembramento dos conhecimentos oriundos das ciências naturais, a fim de situar a condição humana no mundo, dos conhecimentos derivados das ciências humanas para colocar em evidência a multidimensionalidade e a complexidade humana, bem como integrar (na educação do futuro) a contribuição inestimável das humanidades, não somente a filosofia e história, mas também a literatura, a poesia, as artes [...] (MORIN, 2003, p. 47).

Meirieu ressalta que, muitas vezes, para educar, temos que investir na “[...] pedagogia da coragem que [constitui] a necessidade de suspender qualquer sentimento de ignorância, incapacidade ou medo, pela confiança, pela reserva do educador e pelo ‘acionamento’ dos dispositivos de formação”. Fala-nos, ainda, que “[...] sempre que se tenta educar, sempre há ‘resistência’ e uma forte resistência. Qualquer um que assuma a tarefa de educar [...] sabe que se vive o tempo todo no fio da navalha” (MEIRIEU, 2002, p. 67).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), desenvolvidos por especialistas para servir de estímulo e apoio para o planejamento das aulas dos educadores, discutem "a condução do aprendizado, nos diferentes contextos e condições de trabalho das escolas brasileiras, de forma a responder às transformações sociais e culturais do mundo contemporâneo, levando em conta as leis e diretrizes que redirecionam a educação básica" (BRASIL-PNC, 2007, p.7).

Diante disso, a escola precisa acompanhar a desenvolvimento tecnológico e cultural da sociedade em que está inserida, na busca de alcançar seus educandos e corresponder a suas necessidades e objetivos. Com a imensa gama de informações com que os educandos são “bombardeados” todos os dias pelas mídias, uma educação de qualidade só pode acontecer se for embasada sobre um eficiente planejamento e

relevante fundamentação teórico-prática. Nas Palavras de Tijiboy (2001, p.45): "[...] com humildade, é preciso mudar posturas tradicionais, considerando que se vive num momento no qual o que se aprendeu hoje pode não ser mais válido amanhã [...]". Além disso, "as verdades deixam de serem verdades com a mesma rapidez com que aparecem, onde nós mesmos mudamos e nos transformamos com maior facilidade do que antigamente".

3.3 Em busca de uma sintonia entre Escola e alunos

A exigência de um processo educacional diferenciado nos dias de hoje é um dos maiores desafios. Nesta era em que é possível acessar facilmente a informação, o processo educacional torna-se cada vez mais complexo. À escola se exigem mais inovações e adequações à sociedade atual e isso mostra que a instituição escolar ainda está longe de estar em sintonia com as reais necessidades. Nos dizeres de Coelho (2012):

A *Geração Y* (nativos digitais) alterou, definitivamente, os rumos da Comunicação e da Educação. Portanto, a escola e o professor, dentro do modelo tradicional, já não conseguem mais prender a atenção desse novo tipo de aluno. Assim, evidencia-se a urgência de uma *transformação* pedagógica e, principalmente, curricular, uma vez que a Educação assume um novo papel de usuários das novas TIC para acolher esse novo tipo de aluno: *nativo digital* (COELHO, 2012, p. 5).

Há estudos mostrando a urgente necessidade de uma transformação pedagógica, curricular e estrutural da escola na atualidade. O modelo existente não está em sintonia com a atualidade, visto que ainda é metódico, fragmentado. Nas palavras de Silva (2001, p.17): "Na realidade, o que se observa é a carência dos modelos educacionais. Eles não dão mais conta da complexidade pedagógica de nossos tempos".

Os alunos de hoje estão cercados de conhecimentos e de ferramentas de acesso a informações, muito mais do que em qualquer outro período da história até então. Os recursos como computadores e celulares, tablets e afins, estão sempre mais populares e as crianças tendo acesso a eles cada mais cedo. Este processo tem forçado os educadores a pensar em alternativas para dar conta desta situação e ainda serem mediadores do conhecimento. A respeito desse cenário, Coelho (2012, p.5) observa que:

Logo, essas transformações comportamentais emergentes do século XXI, evidenciam, então, que a contemporaneidade reflete a lógica da informação, graças às mudanças tecnológicas, que também exigiram e refletiram mudanças na cultura. Isso ganhou maior intensidade e se expandiu nos anos 1990, quando houve a difusão do computador e das redes (Internet). Os avanços tecnológicos concomitantes a esse mesmo período impactaram e transformaram as relações comunicacionais e, conseqüentemente, influenciaram a Educação, que teve e tem que se reorganizar para acolher esses novos alunos (COELHO, 2012, p. 5).

As novas mídias ativas impulsionam as crianças e jovens de hoje a buscarem sua independência, pois criam neles a sensação de que são agentes de controle, eles escolhem o que querem ver, jogar, acessar, enfim. Este aspecto tão plural das novas mídias e, por conseguinte das novas gerações que estão evoluindo com elas, vem reforçando a necessidade na escola de uma rápida adaptação à sociedade midiática. Para o pedagogo Seymour Papert apud Veen e Vrakking (2009, p.51) “se a escola não fizer uma revolução, as crianças vão fazê-la”. Nas palavras de Veen e Vrakking (2009):

[...]esta geração de hoje é a primeira geração que ensina seus pais a usar um fórum, um telefone celular e a consultar sua conta bancária eletronicamente, entre outros serviços, é esta a primeira vez que podemos observar uma "educação invertida" ocorrer, fenômeno nunca visto antes. Por causa dessas grandes mudanças em nossa sociedade, os pais e professores deveriam observar as crianças naquilo que elas de fato fazem para entender que esta geração viverá em um mundo diferente, para o qual habilidades, atitudes e comportamentos novos serão compulsórios (VEEN; VRAKKING, 2009, p. 48).

Percebe-se que os alunos da atualidade obtêm inúmeras informações acerca de qualquer assunto, através da internet. Como dito anteriormente, nunca se teve um acesso tão rápido e prático às informações, como os alunos estão tendo hoje. Apesar de diversas informações serem inúteis ou superficiais, ou até mesmo tendenciosas ou prejudiciais, os alunos da Era Digital podem aprender por meio das inter-relações virtuais e possuem importante intimidade com as tecnologias de informação e comunicação. Além disso, é a primeira geração na qual os filhos auxiliam ou ensinam seus pais a usarem os recursos das TIC. É justamente em função deste novo cenário tecnológico que há uma “brecha entre gerações”, seja entre pais e filhos, seja entre educador e aluno.

A maioria dos educadores atualmente pertence ainda a uma geração anterior (pré-digital) à de seus alunos. Enquanto os atuais alunos nasceram e estão se desenvolvendo

na Era da Informação e Comunicação (ou Era Digital), os educadores cresceram e formaram-se com a educação tradicional, na qual o uso das tecnologias de informações e comunicação não tinha expressiva relevância. Diante desse cenário, há uma dissonância entre a geração que ensina e a que aprende. Porém, Tijiboy (2001) destaca que é possível e necessário maior aproximação entre educadores e educandos, em termos de uso dos novos recursos tecnológicos (TIC). Mesmo assim, é importante que os educadores não se deixem envolver pela "magia e o feitiço" dos recursos das TIC, "ignorando os princípios fundamentais da arte e ciência da educação" (TIJIBOY, 2001, p.45).

Aspectos semelhantes são apontados por Prensky (2001), ao mencionar algumas características distintas entre o professor e o aluno da era digital (nativos digitais). O professor aprendeu que o texto é o ponto central e as figuras são aspectos secundários e isso tenta ser repassado aos nativos digitais. No entanto, os nativos digitais cresceram lendo, principalmente, imagens em diversas telas e deixando o texto para segundo ou terceiro lugar. O mesmo ocorre quando os professores, que aprenderam a seguir tarefas linearmente, propõem aos seus alunos, atividades seguindo a mesma lógica ordenada, mas os nativos digitais estão acostumados à agitação e a certas inconstâncias dos hipertextos. Além disso, enquanto os nativos digitais se utilizam de games para o aprendizado como um todo, muitos professores nem cogitam essa alternativa no processo de aprendizagem. Existe, inclusive certa censura desta prática no ensino aprendizagem entendendo que diversão e educação não podem caminhar juntas.

Ou seja, alunos atuais aprendem brincando e professores ainda insistem no ensino e aprendizagem de textos, e entendem que aprender implica em concentrar-se em uma única tarefa "séria" de cada vez, todos aprendendo o mesmo de forma indiferenciada. Existe uma dissintonia clara entre a escola/os professores e os alunos sobre o que é significativo ensinar/aprender e sobre a forma de como fazê-lo.

Convém, portanto, entender melhor quem são os alunos de hoje, quais são suas características, como eles aprendem, etc.

3.4 Nativos digitais

A expressão "nativos digitais" foi criada por Marc Prensky em 2001, através da

sua publicação "*Digital Natives, Digital Immigrants*". Prensky busca retratar o perfil das crianças e jovens do mundo inteiro, para auxiliar na compreensão desta nova geração, principalmente, nas escolas.

Os nativos digitais possuem a capacidade de realizar múltiplas tarefas, o que representa uma das características principais dessa geração. Eles nasceram em um universo digital, conectados à internet, computadores e games e "comunicam-se" naturalmente com o idioma dos recursos eletrônicos, como se essa fosse sua língua materna. Adaptam-se facilmente às mudanças do mundo virtual e tecnológico à medida que as transformações vão ocorrendo (PRENSKY, 2001).

Diferentemente dos "imigrantes digitais" (geração X), os nativos digitais adequam-se sem receio às novas tecnologias. Os "imigrantes digitais" diferem dos nativos digitais porque os primeiros ainda possuem certa dificuldade para realizar algumas atividades na tela de um computador, por exemplo, sem imprimir as mensagens, como nos diz Prensky:

Podríamos hablar de muchos más ejemplos que ponen de manifiesto ese "acento" de los Inmigrantes Digitales, como la impresión de un documento escrito para corregirlo, en lugar de hacerlo sobre La misma pantalla, y otras curiosas situaciones que revelarían cierta inseguridad o falta de hábito (PRENSKY, 2001, p.6).

Enquanto isso, os nativos digitais já adotaram o mundo digital como componente importante de sua vida do dia a dia e realizam várias atividades ao mesmo tempo, como, por exemplo, baixar músicas, assistir vídeos, bater papo com amigos, enviar e/ou receber arquivos, fazer pesquisa para aula, etc. Nas próprias colocações de Prensky (2001), os nativos digitais:

Quieren recibir la información de forma ágil e inmediata; Se sienten atraídos por multitareas y procesos paralelos; Prefieren los gráficos a los textos; Se inclinan por los accesos al azar (desde hipertextos); Funcionan mejor y rinden más cuando trabajan en Red; Tienen la conciencia de que van progresando, lo cual les reporta satisfacción y recompensa inmediatas; Prefieren instruirse de forma lúdica a embarcarse en el rigor del trabajo tradicional (PRENSKY, 2001, p.6).

Veen e Vrakking (2009, p. 12) utilizam o termo *Homo zappiens* para descrever a nova geração midiática. O *Homo zappiens* "é um processador ativo de informação e resolve problemas de maneira muito hábil por meio de estratégias de jogos". Sabe se

comunicar muito bem e sua relação com a escola mudou profundamente, devido ao caráter social que a escola agrega e apresenta.

Os alunos dessa era digital consideram a escola apenas um dos pontos de interesse em suas vidas. Assim, a socialização proporcionada pelo ambiente escolar tem primazia ao aprendizado e a pesquisa e a escola não parece ser o espaço apropriado para isso, mas tão somente para a socialização e reunião causal. Muito mais importante para os nativos digitais são suas redes de amigos, seus trabalhos de meio turno e os encontros de final de semana. O *Homo zappiens* parece considerar as escolas instituições que não estão conectadas ao seu mundo, mas distantes e atrasadas como algo mais ou menos irrelevante, no que diz respeito à sua vida cotidiana. Nas palavras dos referidos autores:

Dentro das escolas, o *Homo zappiens* demonstra um comportamento hiperativo e atenção limitada a pequenos intervalos de tempo, o que preocupa tanto pais quanto professores. Mas o *Homo zappiens* quer estar no controle daquilo com que se envolve e não tem paciência para ouvir um professor explicar o mundo de acordo com suas próprias convicções (VEEN; VRAKING, 2009, p. 12).

O público que a instituição escolar recebe hoje é diferenciado e está sempre envolvido com os meios de comunicação. É uma geração extremamente midiática e, por isso, imediatista e pluralista, como as tecnologias que oferecem possibilidades de visualizar várias coisas ao mesmo tempo e de “linkar”, fazendo conexões com outras várias. Um único professor tratando de um único assunto pode se tornar enfadonho para esta nova geração (VEEN; VRAKING, 2009).

Afinal, tirá-los de um mundo de infinitas possibilidades mesmo que virtual, na tentativa de condensá-los em uma única sala vislumbrando um único panorama é exigir deles uma abstração na qual não vêm sentido, muito menos, vontade. Como aponta Amaral (2009):

A escola não pode mais transferir conhecimento como fazia há cem anos. A sociedade como um todo sofre constantes transformações e com o ensino não poderia ser diferente. Ignorar essas mudanças é manter-se na alienação que gera o insucesso. Voltando a discorrer sobre os seres digitais, uma das principais características é não se concentrarem em uma tarefa só, zapeando de uma fonte de informação para outra quando assistem à televisão, navegam pela internet ou conversam no MSN (AMARAL, 2009, p. 50).

Essa nova geração é formada, especialmente, por indivíduos que não se amedrontam diante dos desafios expostos pelas Tecnologias da Informação e da Comunicação, experimentam e vivenciam múltiplas possibilidades oferecidas por novos aparatos digitais. Hábitos diferentes das gerações anteriores os caracterizam, conforme escrevem os autores abaixo:

Sendo os primeiros seres digitais, cresceram em um mundo onde a informação e a comunicação estão disponíveis a quase todas as pessoas e podem ser usadas de maneira ativa. As crianças hoje passam horas de seu dia assistindo à televisão, jogando no computador e conversando nas salas de bate-papo. Ao fazê-lo, elas processam quantidades enormes de informação, por meio de uma grande variedade de tecnologias e meios. Elas se comunicam com amigos e outras pessoas de maneira muito mais intensa do que as gerações anteriores, usando a televisão, o MSN, os telefones celulares, os iPods, os blogs, os Wikis, as salas de bate-papo na internet, os jogos e outras plataformas de comunicação (VEEN; VRAKING 2009, p. 29).

Os educadores que atuam hoje nas escolas necessitam buscar novas alternativas e novos mecanismos para chamar a atenção e motivar o interesse de seus alunos para os conteúdos abordados. Isso constitui um enorme desafio para quem atua diretamente com esta nova geração, pois “[...] os alunos de hoje demandam novas abordagens e métodos de ensino para que se consiga a atenção e a motivação na escola” (VEEN; VRAKING, 2009, p. 27).

Segundo Kenski (2014, p.118), os nativos digitais aprendem por meio de jogos. Há jogos com características distintas relacionadas a estratégias, simuladores e jogos de ação. Os jovens jogadores "desenvolvem novas habilidades e raciocínios, considerados valiosos em determinados tipos de ações profissionais", como, por exemplo, espírito de equipe, desenvolvimento de estratégias, definições de papéis, entrosamento, respeito aos parceiros, comunicação e regras de bom comportamento em rede. Através dos jogos, as pessoas "podem processar mais rápidas as informações, desenvolver seus sentidos e ter mais capacidade de raciocínio para discernir entre diferentes tipos de informação, etc." (KENSKI, 2014, p.119).

Prensky (2001) também ressalta que nativos digitais estão intimamente ligados aos games. As crianças querem ser envolvidas e os games atuam neste sentido, sendo que as crianças aprendem lições relevantes durante os jogos. O autor nos diz que esses jogos "na verdade, são um meio importante pelo qual nossos filhos estão aprendendo, preparando-se para a vida no século XXI; [...] o verdadeiro segredo que faz nossos

filhos dedicarem tanto tempo aos games é o conhecimento que eles adquirem" (PRENSKY, 2001. p. 28).

Apesar de os nativos digitais aprenderem por meio do uso da tecnologia, é importante que eles também desenvolvam o senso crítico. Neste sentido, Tijiboy (2001, p.64) comenta que a educação precisa preocupar-se em ser muito mais que "uma mera assimilação certificada de saberes". Ela necessita estar muito além de preparar consumidores ou treinar indivíduos para saber usar tecnologias de informação e comunicação. A escola deve assumir a função de formar pessoas para lidar diante das complexidades do mundo atual, formando cidadãos conscientes, capazes de analisar criticamente a carga excessiva de informação e de mudanças no cenário.

4 POSSIBILIDADES DA INTERNET NO ENSINO DA LINGUA INGLESÁ

As novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) podem ser compreendidas como um conjunto de recursos tecnológicos, interligados por meio de hardware, software e telecomunicações, capazes de proporcionar a automação e comunicação das diversas partes de um processo, seja para o mundo empresarial, seja para o ensino e aprendizagem. Neste cenário, um dos componentes fundamentais das TIC é a própria internet (FOLQUE, 2011).

Os recursos tecnológicos ligados à Internet podem ser de grande valia para a eficiência no ensino de língua inglesa, assim como para outras disciplinas curriculares.

Até algum tempo atrás, a utilização da tecnologia nas aulas de línguas restringia-se, ao uso de vídeos e CDs, porém, os atuais recursos advindos da internet também podem contribuir expressivamente. Parece haver consenso entre professores e especialistas quanto aos benefícios que a internet tem a oferecer ao processo ensino-aprendizagem, principalmente, por possibilitar a ampliação dos objetivos comunicativos aos aprendizes.

No entanto, apesar da existência de diversos recursos provindos da Internet para o ensino de línguas, estes são ainda pouco utilizados e com rara articulação com outras disciplinas. Segundo Kenski (2014, p.45), mesmo em escolas que utilizam computadores e internet, se observa "professores isolados desenvolvem disciplinas

isoladas, sem maiores articulações com temas e assuntos que têm tudo a ver um com o outro, mas que fazem parte dos conteúdos de outra disciplina, ministrada por outro professor".

Além disso, a internet não pode ser vista apenas como mais uma ferramenta para a sala de aula, mas, sim como uma verdadeira transformação, transcendendo os espaços físicos e estruturais em que ocorre a educação, o que possibilita trabalhos cooperativos entre participantes distantes. Nas palavras de Kenski (2014, p.47), "a dinâmica e a infinita capacidade de estruturação das redes colocam todos os participantes de um momento educacional em conexão, aprendendo juntos, discutindo em igualdade de condições, e isso é revolucionário".

Com base no até aqui discutido, foram escolhidos alguns recursos da Internet que são descritos para logo após apresentar sugestões de uso pedagógico no ensino de língua Inglesa. São estes: (a) Blogs; (b) Redes sociais estrangeiras; (c) Google Translator; (d) Dicionário online; (e) E-books; (f) Músicas; (g) Podcasts e (h) Youtube.

4.1 Blogs

O blog pode ser visto como um diário online onde seu "dono" publica diversos tipos de informações, como, por exemplo, histórias, notícias, imagens e ideias em geral. O blog pode ser usado para pesquisas individuais ou para obter conhecimento de determinado grupo, "bem como de espaço para discussão e reflexão de alunos auxiliando-os na construção do conhecimento de forma autônoma e colaborativa" (SEKITANI, 2010, p.23). A Figura 1 e 2 exemplificam um blog de aulas de inglês.

Figura 1 – Exemplo de Blog



Fonte: Inglespravale (2015).

Figura 2 – Blog de inglês mostrando expressões idiomáticas



Fonte: Inglespravale (2015).

Um blog também pode ser entendido como "qualquer registro frequente de informação". Ou, ainda, "Um blog é um espaço para criação e publicação, individual e coletiva, de assuntos específicos" (PIVA JR., 2013, p.86). Os blogs tiveram seu boom de crescimento quando as pessoas começaram a utilizá-lo como diário particular e isso se diversificou, de forma que, atualmente, existem blogs com os mais diversos fins e múltiplos temas. As pessoas não precisam saber como os blogs funcionam tecnicamente, elas precisam somente organizar suas informações e postá-las.

E esse processo pode ser utilizado a favor da melhoria do ensino e aprendizagem. Ou seja, "os estudantes podem utilizar os blogs para a construção coletiva de textos sobre determinado assunto ou tema; os professores podem interagir com os estudantes, esclarecendo dúvidas, dando orientações sobre determinados assuntos e aprofundando-os" (PIVA, 2013, p.86). Dentre alguns motivos para que um professor proponha a criação de um blog encontram-se: é divertido; aproxima professor e alunos; permite refletir sobre suas colocações; liga o professor ao mundo; amplia a aula; permite trocar experiências com os colegas; e torna o trabalho visível. Alguns servidores grátis para a criação de blog são: (a) WordPress- <http://wordpress.com/>; (b) Blogger (Google)-

<http://www.blogger.com/>; (c) Blig- <http://blig.ig.com.br/>; (d) Blogger (Globo.com)-
<http://blogger.globo.com/>; (e) Blog-se - www.blog-se.com.br/.

4.2 Redes sociais estrangeiras e sites de ensino de inglês

Segundo Gomes (2015), da Revista Exame, há diversos sites integrados às redes sociais nacionais e internacionais, que têm como objetivo o ensino e aprendizagem de língua estrangeira. Muitos deles podem ser usados gratuitamente e contemplam até 11 línguas diferentes. Servem para quem quer aperfeiçoar um idioma ou para iniciantes. Dois exemplos são o "Livemocha" e "Memrise".

O Livemocha oferece tanto cursos grátis quanto pagos e está interligado às redes sociais, localizado no <http://www.livemocha.com>. A Figura 3 ilustra o portal de abertura do Livemocha.

Figura 3 - Tela de abertura do site da Livemocha



Fonte: Livemocha (2015).

Por meio do Livemocha, o usuário pode estudar sozinho, seguindo os passos do curso online, para ampliar conhecimento no idioma, ou para introduzir uma nova língua. Além disso, o usuário "pode trocar ideias com outras pessoas e ajudar outros alunos corrigindo seus exercícios e dando dicas, ao mesmo tempo em que recebe ajuda dos demais". Enquanto alunos brasileiros recebem ajuda para aprender inglês, é comum eles ajudarem estrangeiros que estão aprendendo a língua portuguesa. No entanto, para essa relação ocorrer, padrão das redes sociais, cabe a cada usuário aceitar ou não os pedidos.

Os níveis básicos dos cursos são gratuitos, mas os mais avançados são pagos (GOMES, 2015).

Outro site interessante é o Memrise. Este é direcionado para pessoas que já possuem algum conhecimento na língua escolhida e buscam aprofundar seu vocabulário. O Memrise está postado em <http://www.memrise.com/>. A Figura 4 demonstra o portal do curso "Academic English" do Memrise.

Figura 4 - Memrise - curso de inglês para acadêmicos



Fonte: Memrise (2015).

O Memrise traduz-se em um importante complemento para um curso online ou presencial, de inglês, por exemplo. Diz-se complemento, porque não ensina gramática, ele tem como foco o desenvolvimento da memória. Ou seja, é uma ferramenta para relembrar palavras aprendidas no passado e esquecidas por falta de uso. Entre os idiomas mais populares nele estão: inglês, espanhol, chinês, francês e alemão. Além disso, o Memrise utiliza fóruns de discussão, permitindo aos seus usuários, trocar ideias com outras pessoas. Também possui um aplicativo para *iPhone* que dá acesso aos exercícios (GOMES, 2015).

4.3 Google Translator

Embora não tenha sido construído com a finalidade de ensinar qualquer língua, pode ser um recurso interessante de explorar e passar a usar suas possibilidades no ensino de línguas estrangeiras, de modo geral. Por meio do Google Translator é possível

traduzir inúmeras mensagens em determinadas línguas para outras. Postado em <https://translate.google.com.br/>, o Google Translator pode ser de grande valia para ensino e aprendizagem tanto do inglês, como de outras línguas. Ele também possui o recurso de ouvir palavras ou textos escritos, isto é, faz leituras na língua escolhida, seja do texto a traduzir ou do texto já traduzido.

O Google Translator pode ser usado nas aulas de inglês, para que os alunos façam a tradução parcial ou total dos textos em estudo. Pode-se também verificar a ortografia e a pronúncia das palavras em inglês.

4.4 Dicionário online, E-books e Músicas

Os **dicionários online** consistem em importantes recursos para a aprendizagem no inglês. Há diversos dicionários online capazes de traduzir textos do português para o inglês e/ou vice-versa, como, por exemplo, <http://michaelis.uol.com.br/>; <http://www.dicionariodoaurelio.com/>, etc. Aprendizagem significativa é aquela que faz sentido ao aluno, é aprender algo de que se tem necessidade e/ou interesse. Portanto, poder tirar dúvidas quanto ao significado ou escrita de palavras de uma língua estrangeira que se está estudando, de forma instantânea é bastante importante e é uma das vantagens destes recursos on-line.

Neste cenário da aprendizagem de inglês, incluem-se ainda **os e-books**. E-books é abreviação de *Electronic Book*, Livro eletrônico. Ele contém as mesmas informações de um livro impresso, porém trata-se de uma versão para ser lido em uma mídia digital (PC, notebook, tablet, celular, etc.). Uma das grandes vantagens de um e-book é que é capaz de conter uma quantidade elevada de informações ("livros de bolso") no celular, por exemplo. Outra vantagem é que os e-books também possuem um preço muito mais acessível, se comparado ao livro impresso e é possível instalar programas que fazem leituras dos textos para o aluno estudar.

A música na aprendizagem do inglês, por sua vez, tem sido uma ferramenta motivacional importante, que traz benefícios às aulas. No entendimento de Cristovão (2007, p.66), as músicas traduzem-se em relevantes "exemplos acessíveis de inglês oral, permitindo que os alunos identifiquem sons similares". Além disso, a música auxilia na criação de um ambiente propício para que o aluno se sinta à vontade com o processo da

pronúncia das palavras; a música ainda ajuda na "identificação das sílabas fortes e fracas durante a pronúncia da língua" (CRISTOVÃO, 2007, p.66).

Neste contexto, Vicentini e Basso (2008, p.4) ressaltam que a música é de suma importância para o processo de memorização, em uma nova língua: "[...] estudos mostram a ligação da música com a memória, pois a música e seu subcomponente, o ritmo, tem beneficiado a rota do processo de memorização". Aproveitar o interesse dos alunos (crianças, adolescentes e adultos) em entender letras de músicas de sua preferência ou novas trazidas pelo professor, de cantá-las pronunciando melhor acaba tornando lúdica a aprendizagem da língua estrangeira, neste caso o inglês. É possível levar à sala de aula músicas em DVDs, CDs ou acessar o Youtube pela Internet. Pode-se propor diversas atividades pedagógicas como completar as palavras que faltam em uma música trazida de forma impressa pelo professor quase completa. A atenção que os alunos devem prestar à música estaria trabalhando o "*listening*" and "*comprehension*". E no completar a letra, estariam exercitando "*writing skills*". Pode-se propor também que os alunos tentem escrever e cantar uma música de sua autoria em inglês.

4.5 Podcasts

O termo "*podcasting*" provém da junção entre *iPod* com o *broadcasting*. Ou seja, o *podcasting* nasceu da união de um aparelho que toca arquivos digitais com a transmissão de rádio ou televisão. No entanto, para realizar o *download* (baixar) dos arquivos é preciso que o aluno (usuário) tenha acesso ao *podcasting* escolhido, entre diversos que existem na internet. O *Podcasting* "pode ser utilizado para publicar e/ou acessar conteúdo digital que dê informações básicas ou complementa o que está sendo trabalhado em sala de aula" (PIVA JR, 2013, p.92).

Para Reis, Gomes e Linck (2012, p.5), "a tecnologia podcast é um recurso digital da web 2.0 que permite o *download* de arquivos em áudio em diferentes formatos". A Figura 5 mostra um exemplo de um *podcast* de aula de inglês.

Figura 5 - Exemplo de podcast de inglês

The screenshot shows the website 'Inglês Online' with the tagline 'O site para quem quer falar inglês e não aprender sobre inglês'. The navigation menu includes 'Início', 'Curso de Inglês Online', 'Fale Inglês', 'Dicas de Inglês', 'Inglês Básico', 'Guia de Sites', and 'Para Professores'. The main content area features a video player for 'EF Englishtown' and a text block titled 'Como falo em inglês: Encontrei isso por acaso'. The sidebar on the right contains promotional banners, including one that says 'Comece a aprender inglês hoje, veja o vídeo de demonstração' and another that says 'Você pode começar a aprender inglês de um jeito fácil agora mesmo, clique aqui'.

Fonte: Inglesonline (2015).

Pode-se utilizar o *podcast* para o ensino e aprendizado da língua inglesa. Isso porque, apesar das explicações "técnicas" dos autores, um podcast nada mais é do que um conjunto de arquivos de áudio ou vídeo, que são postados na internet. Esses arquivos podem ser baixados ou descarregados para um computador ou para outro dispositivo móvel e serem facilmente utilizados pelos usuários. No caso do inglês, baixam-se diversos arquivos de áudio e vídeo relacionados às aulas de inglês nos quais os alunos podem reforçar seus conhecimentos sobre a língua inglesa. Há inúmeros recursos tecnológicos para acessar músicas em inglês, porém o professor precisa dedicar tempo extra para conhecê-los e poder aproveitá-los para tornar mais interessante suas aulas em uma instituição pública. É importante, no entanto, que a escola possua um laboratório de informática que possibilite aos professores e alunos desfrutar de todos esses recursos.

4.6 YouTube

O YouTube consiste em um site no qual seus usuários podem postar ou carregar vídeos e compartilhá-los gratuitamente. É um grande repositório e possui muitos canais, onde existe um tema específico tratado nos vídeos ali guardados. Há algumas divisões dos vídeos, sendo que o "*YouTube Education* é um canal do YouTube que congrega vídeos e outros subcanais de escolas, faculdades, universidades" (PIVA JR., 2013, p.87). O autor menciona razões para se usar vídeos em sala de aula, que são: (a)

oferecer conteúdos que sirvam de recursos didáticos para as discussões em aula; (b) armazenar todos os vídeos de que você precisa em um só lugar; (c) montar um acervo virtual de seus trabalhos em vídeo; (d) permitir que estudantes explorem assuntos de interesse com maior profundidade; (e) ajudar estudantes com dificuldades; (f) elaborar uma apresentação de slides narrada para ser usada em sala; (g) incentivar os alunos a produzir e a compartilhar conteúdo; e (h) permitir que os alunos deixem suas dúvidas registradas (PIVA JR, 2013, p.87).

Dentre os inúmeros vídeos existentes no YouTube relacionados ao ensino de inglês, pode-se utilizar aqueles que apresentam música e letra em inglês, juntamente com a pronúncia correta das palavras. Isso pode ser feito pela análise de cada uma das palavras, das frases da letra da música. Além de trabalhar na aprendizagem de novas palavras, os alunos podem aprender a pronúncia correta dos termos, bem como cantar em inglês (<https://www.youtube.com/watch?v=NFIBuLFVYsM>), algo que eles geralmente gostam de fazer.

Outro recurso que pode ser usado para o ensino de inglês são vídeos que ensinam regras básicas de tradução do português ao inglês e a sua devida pronúncia. Dentre elas: toda a palavra que termina com "ção" (administração), no inglês, transforma-se para o final "tion" (*administration*); quando a palavra terminar em "dade" (qualidade), no inglês, coloca-se "ty" (*qualidaty*). Assim há diversas palavras que podem ser fácil e rapidamente traduzidas no inglês. Aprenda "1000 palavras em inglês em 1 minuto" (http://www.youtube.com/watch?v=nx3bx-tAx_U).

Também há vídeos ensinando frases muito usadas em inglês. Estas frases e expressões são pequenas e simples, mas são usadas com muita frequência no inglês. Neste caso, apresenta-se a frase em inglês e sua tradução ao português, bem como uma leitura pausada para os alunos entenderem a pronúncia. Exemplos: *I think so* - acho que sim; *I don't think so* - acho que não; *Of course* - claro que sim; *Of course not* - claro que não, etc . (<https://www.youtube.com/watch?v=ZVf2Pdh5qow>).

Por fim, uma interessante forma de aprender vocabulário referente às partes do corpo humano encontra-se em (<https://www.youtube.com/watch?v=EFWUFWGVCXs>). Visualizar a parte do corpo ao mesmo tempo em que se vê a forma escrita e a pronúncia correta da palavra pode auxiliar a memorizar tal vocabulário.

Após o Referencial Teórico aqui apresentado, buscando entender a escola, os alunos e professores na Era Digital, bem como algumas possibilidades novas e enriquecedoras apresentadas pelas TIC ao ensino da língua inglesa na atualidade, passa-se a observar a realidade das escolas públicas municipais de Porto Alegre, no que diz respeito à incorporação das TIC no ensino do inglês.

5 A PESQUISA

Esse capítulo apresenta a metodologia de pesquisa utilizada, incluindo a abordagem do estudo, a(s) indagação(ões) de pesquisa, instrumento de coleta de dados, sujeitos envolvidos e o processo da coleta de dados.

5.1 Questões de pesquisa

a) De que forma é realizado o ensino de inglês nas escolas públicas municipais de Porto Alegre?

b) As tecnologias digitais são incorporadas no ensino de inglês nas escolas públicas municipais de Porto Alegre?

5.2 Metodologia

5.2.1 Natureza da pesquisa

A abordagem metodológica empregada foi de natureza qualitativa e do tipo descritiva, por permitir um entendimento mais holístico do fenômeno estudado. Essa escolha metodológica fundamenta-se nas características apontadas na literatura e explicitadas a seguir:

Basicamente a pesquisa qualitativa é aquela que busca entender um fenômeno específico em profundidade. Ao contrário de estatísticas, regras e outras generalizações, ela trabalha com descrições, comparações e interpretações. Portanto, é mais participativa e menos controlável, dados que os participantes podem direcionar o rumo em suas interações com o pesquisador. [...] Na pesquisa qualitativa, a verdade não se comprova numérica ou estatisticamente, porém convence na forma de experimentação empírica, a partir da análise feita detalhadamente, abrangente, consistente e coerentemente, assim como na argumentação lógica das idéias. [...]. Assim, a pesquisa qualitativa é exploratória, dado que estimula os entrevistados (pesquisados) a pensarem livremente sobre um tema, objeto ou conceito. Ela faz emergir aspectos subjetivos e atinge motivações não explícitas de maneira espontânea, visto que não pretende generalizar as informações. Nesta modalidade trabalhamos com um grupo menor de sujeitos. (BRASIL, 2012).

5.2.2 Instrumento de coleta de dados

Neste trabalho, o instrumento de coleta de dados foi o Questionário. Em relação ao questionário, Barbosa (1999) salienta que:

o questionário é um dos procedimentos mais utilizados para obter informações. É uma técnica de custo razoável, apresenta as mesmas questões para todas as pessoas, garante o anonimato e pode conter questões para atender a finalidades específicas de uma pesquisa. Aplicada criteriosamente, esta técnica apresenta elevada confiabilidade. Podem ser desenvolvidos para medir atitudes, opiniões, comportamento, circunstâncias da vida do cidadão, e outras questões. Quanto à aplicação, os questionários fazem uso de materiais simples como lápis, papel, formulários, etc. Podem ser aplicados individualmente ou em grupos, por telefone, ou mesmo pelo correio. Pode incluir questões abertas, fechadas, de múltipla escolha, de resposta numérica, ou do tipo sim ou não. (BARBOSA, 1999)

Optou-se por utilizar como instrumento de coleta de dados o questionário, por ser um dos recursos mais utilizados para obter informações em relação a atitudes, opiniões, comportamento, circunstâncias da vida do cidadão, e outras questões (Barbosa, 1999). Esse instrumento de coleta de dados pode incluir questões abertas, fechadas, de múltipla escolha, de resposta numérica, ou do tipo sim ou não, dependendo do tipo de informação que se deseja coletar.

O questionário elaborado é constituído de 9 perguntas do tipo abertas e 15 objetivas de múltipla escolha, que visavam coletar dados sobre o perfil dos entrevistados/professores de inglês quanto à idade, gênero, tempo de magistério, tempo de docência na língua inglesa e de como suas aulas se desenvolviam. Outras questões, fazendo parte da segunda parte do questionário buscavam coletar informações sobre o domínio e acesso dos professores às tecnologias nas suas vidas cotidianas fora da escola.

Posteriormente, um grupo de perguntas relacionadas à infraestrutura do Laboratório de Informática (LABIN) das escolas onde os sujeitos de pesquisa atuam (número de computadores, acesso à internet e sua qualidade de conexão, recursos de computadores (jogos, editores de texto, etc.) e se havia incentivo por parte da escola para o uso das TIC nas aulas.

Finalmente, um último grupo de perguntas sobre a utilização (ou não) das tecnologias no ensino de inglês por partes dos entrevistados, as formas de uso, a percepção da importância desse uso, a reação dos alunos frente ao uso das TIC nas aulas e a descrição de projetos já realizados por eles integrando as TIC no ensino de inglês.

5.2.3 Sujeitos da pesquisa

A pesquisa foi realizada com 10 professores de língua inglesa da rede pública municipal de Porto Alegre, que representam 19 % do total (55) do universo das escolas dessa rede de ensino. Devido ao tempo exíguo por parte da pesquisadora para visitar mais escolas não foi possível realizar um maior número de entrevistas. Dos 10 professores entrevistados, 7 declararam-se do gênero feminino, 2 do masculino e 1 declarou-se de outro gênero.

5.2.4 Processo de coleta de dados

Antes da coleta de dados propriamente dita, a primeira versão do questionário foi testada em 3 professores de inglês do município de Carlos Barbosa-RS, que concordaram em respondê-lo. Nessa testagem (validação), foi percebida a falta de clareza em uma das questões, o que levou a reformulação da sua escrita.

Na fase da coleta, embora se tivesse a intenção de coletar um maior número de entrevistas, a fim de tornar mais representativo o universo a ser estudado – escolas municipais de Porto Alegre – devido ao pouco tempo da pesquisadora, às dificuldades de acesso e disponibilidade dos professores em participar como respondentes, acabou-se realizando um número menor.

Percebendo-se que o envio por e-mail ou entrevista seria mais difícil, optou-se usar como estratégia levar impressos os questionários para facilitar o preenchimento dos mesmos pelos respondentes. Enquanto os professores preenchiam, a pesquisadora aguardava. Poucos professores fizeram comentários oralmente, a maioria parecia se sentir incomodada com o preenchimento do questionário.

6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O questionário foi dividido em blocos; o primeiro referia-se ao perfil do entrevistado: gênero, faixa etária, tempo de magistério, grau de escolaridade, formação em tecnologias na educação e como ele desenvolve suas aulas. O segundo bloco incluiu questões sobre o conhecimento e familiaridade que o entrevistado tem com as tecnologias atuais. O terceiro trouxe perguntas sobre o laboratório de informática da escola, e, por último, havia questões sobre o uso das TIC no ensino de inglês.

6.1 Perfil do professor - primeiro bloco de perguntas

Tabela 1 - Perfil dos professores entrevistados

PROF.	GENERO	IDADE	TEMPO magistério	Tempo leciona inglês	Grau de escolaridade	Formação em TIC na educação
Nº 1	Outro	36-40	-	-	Especialização	Não
Nº 2	M	31-35	13	13	Graduação	Não
Nº 3	F	56-60	28	28	Especialização	Não
Nº 4	F	46-50	27	15	Especialização	Sim – na Informática na Educação
Nº 5	F	+ de 60	40	40	Especialização	Sim- na Informática e Tecnologias Educacionais on-line
Nº 6	F	56-60	31	22	Especialização	Sim- pela SMED
Nº 7	F	31-35	15	15	Especialização	Sim- PDPI (Estados Unidos – 2014)
Nº 8	F	36-40	15	15	Especialização	Não
Nº 9	F	31-35	13	13	Especialização	Não
Nº10	M	41-45	25	25	Especialização	Sim – criação de fixação de vocabulário em língua inglesa

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Constata-se que dos 10 professores entrevistados, 7 são do sexo feminino, 2 do masculino e um declarou-se de outro gênero. Quanto à faixa etária, 5 estão entre 31 e 40 anos, 2 entre 40 e 50, 2 entre 50 e 60 e 1 tem mais de 60 anos.

No que se refere à formação desses professores, 9 têm especialização e só um tem apenas a graduação. Na indagação sobre formação em TIC na educação, 5 possuem algum curso na área e os outros 5 não realizaram nenhum curso. Se metade (50%) dos respondentes possui formação/capacitação específica em cursos de TIC na Educação, então por que as TIC ainda são tão pouco utilizadas? Talvez esses cursos não estejam mostrando um caminho consistente para que as aulas de inglês sejam oferecidas juntamente com as tecnologias.

Quanto ao tempo de magistério, 4 lecionam entre 13 e 15 anos, 4 entre 25 e 31 anos, 1 leciona há mais de 40 anos e 1 não respondeu.

6.2 Familiaridade dos professores com as TIC – segundo bloco de perguntas

Tabela 2 – Familiaridade dos professores com as tecnologias

PROF.	CELULAR	NOTEBOOK ou PC	SMARTPHONE	DVD	TABLET
Nº 1	X	X			
Nº 2		X	X	X	X
Nº 3	NR	NR	NR	NR	NR
Nº 4	X	X		X	
Nº 5		X		X	
Nº 6		X	X		X
Nº 7		X	X	X	X
Nº 8		X	X	X	
Nº 9	X	X		X	
Nº 10	X	X	X	X	X

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Em relação à familiaridade dos professores com tecnologias (Tabela 2), verificou-se que a maioria (9) dos professores utilizam notebook ou PC diariamente; 7 fazem uso do DVD, 5 possuem smartphone e 4 utilizam celular e tablet. Um dos entrevistados não respondeu essa questão.

Tabela 3 - Recursos da Internet utilizados pelos professores

PROF.	Sites pesquisa	Sites compras	Sites relacionamento	Redes sociais	youtube	Google Maps	Street view	Vídeo-aulas	jogos	e-mails
Nº 1	X	X		X	X	X				X
Nº 2	X	X		X	X	X				X
Nº 3	X	X				X		X		X
Nº 4	X	X			X			X		X
Nº 5	X	X	X	X	X			X	X	X
Nº 6	X			X	X	X		X		X
Nº 7	X	X		X	X	X	X	X	X	X
Nº 8	X	X		X	X	X				
Nº 9	X				X	X	X	X		X
Nº 10	X			X	X	X				X

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Especialmente em relação ao uso da Internet (Tabela 3), observou-se que todos os professores utilizam sites de pesquisa; quase todos (9) fazem uso de e-mails e do youtube; 8 acessam o Google Maps, 7 participam de redes sociais, assistem videoaulas e fazem compras pela Internet, 2 utilizam o street view e os sites de jogos; apenas 1 entra em sites de relacionamentos.

6.3 LABIN – Terceiro bloco de perguntas

Tabela 4 - Os LABINs das escolas

PROF.	Nº de computadores	Tipo de computador	Acesso à Internet	Qualidade de conexão
Nº 1	15	PC	Sim	Regular
Nº 2	18	PC	Sim	Ruim
Nº 3	12	PC	Sim	Regular
Nº 4	13	PC	Sim	Regular
Nº 5	18	PC	Sim	Regular
Nº 6	17	PC	Sim	Ruim
Nº 7	20	PC	Sim	Regular
Nº 8	Não sabe	PC	Sim	Regular
Nº 9	15- só 2 em funcionamento	PC	Sim	Ruim
Nº 10	22- só 16 em funcionamento	PC	Sim	Regular

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

No que se refere à estrutura dos LABINs das escolas (Tabela 4), concluiu-se que 5 escolas têm entre 17 e 22 computadores em seu LABIN; 4 possuem entre 12 e 15 e 1 entrevistado não soube fornecer essa informação. Todos têm acesso à Internet, todavia a qualidade da conexão não é boa: 8 classificaram como regular e 2 como ruim. Este aspecto (condições não apropriadas do LABIN) estaria sendo um obstáculo para a utilização/incorporação das Tic em suas aulas?

6.4 Utilização das TIC no ensino de inglês – Questões abertas

As questões abertas que apresentam as respostas dos professores são mostradas a seguir.

A primeira questão aberta questiona a forma como os professores desenvolvem as suas aulas de inglês em termos de metodologia e recursos pedagógicos. (Questão 5 – Como você desenvolve suas aulas em termos de metodologia e recursos pedagógicos?)

Tabela 5 – Recursos e metodologias utilizados nas aulas de inglês

PROF.	Recursos	Metodologia
Nº 1	Não respondeu.	
Nº 2	Livro didático e material próprio.	
Nº 3	Livro didático e quadro branco.	Trabalhos individuais e em pequenos grupos; pesquisas e exercícios variados.
Nº 4	Áudio e vídeo.	Atividades dirigidas.
Nº 5	Livro didático , vídeos, CDs, CDROM, Flashcards.	
Nº 6	Música, dicionário bilíngüe, jogos.	Aula expositiva com textos, confecção de cartazes.
Nº 7	Livro didático, gravuras, jogos, músicas e sites.	Aula dentro de contextos/situações reais.
Nº 8	DVD e computadores.	
Nº 9	Livro didático, CDs, vídeos e dicionários.	
Nº 10	Livro didático, música e multimídia.	Trabalhos individuais e em grupo; sketches teatrais.

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Os dados mostram que o livro didático continua sendo o recurso mais utilizado. No contexto estudado, no entanto, percebe-se uma incipiente incorporação das TIC como é o caso de CDs, vídeos, multimídia, computadores (sites). Em momentos

históricos de mudanças a convivência entre tecnologias mais antigas e as novas é esperado e normal, segundo Levy, 1993.

As seguintes questões perguntavam sobre o incentivo das escolas em relação ao uso dos computadores e à forma desse incentivo. (Questões 16 e 17 – A sua escola incentiva o uso dos computadores com os alunos? Em caso afirmativo, de que forma?)

40% responderam “não”

40% responderam “sim”

20% responderam “mais ou menos”

Resposta dos professores que responderam “sim”:

Professor 4- Oferecendo e disponibilizando horários com carga horária disponível.

Professor 5- Levando-os frequentemente ao LABIN.

Professor 6- Os professores levam as turmas para pesquisas e trabalhos em grupo.

Professor 10- Pesquisas, complementos para a sala de aula.

Frases de alguns dos professores que responderam “não”:

Professor 1- Não há qualquer incentivo ou programação pedagógica.

Professor 3- Os computadores não podem ser utilizados, porque estamos sem estagiário de informática neste ano.

Professor 9- Não tenho como incentivar, pois apenas 2 dos 15 computadores estão funcionando.

Constatou-se que as respostas dos professores que responderam afirmativamente, deixam transparecer que não há um incentivo concreto e forte por parte das escolas, elas simplesmente disponibilizam horários para que as turmas sejam levadas até o LABIN. É necessário haver **um incentivo claro por parte da Direção**, que pode ser manifestada de várias formas, como a realização de capacitação nas escolas, a presença da importância do uso das TIC na educação no Projeto Político Pedagógico da escola, a realização de seminários ou apresentação de trabalhos dos alunos utilizando TIC, premiação a projetos inovadores, participação desses projetos premiados em eventos maiores (estaduais e nacionais), o bom funcionamento dos Laboratórios e monitores nos LABINs para gerenciá-los e dar suporte aos professores e alunos.

A questão 18 visava obter informações sobre a utilização dos computadores nas aulas de inglês, os recursos e a finalidade. (Questão 18 – De que forma você utiliza ou

utilizou os computadores nas suas aulas de inglês? Quais são os recursos utilizados? Para que fins?)

Tabela 6 – LABINs: recursos utilizados e suas finalidades

PROF.	Recursos	Forma e finalidade
Nº 1	Internet	Pesquisas, dicionário, sites de previsão do tempo e de jogos (ambos em inglês).
Nº 2	Internet	Pesquisas.
Nº 3	Internet	Pesquisas.
Nº 4	Não utiliza computador	
Nº 5	Internet	Pesquisas.
Nº 6	Internet	Pesquisas e jogos.
Nº 7	Internet	Sites de exercícios gramaticais e de jogos.
Nº 8	Internet	Pesquisas.
Nº 9	Internet	Pesquisa sobre a vida de um artista.
Nº 10	Não respondeu	Exercícios de fixação de vocabulário.

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

Obteve-se que, quando levaram seus alunos ao LABIN, a maioria faz uso da Internet com a finalidade de pesquisar. O professor nº 4 deixou claro que não utiliza computadores em suas aulas de inglês. Os dados sinalizam uma possível falta de software específicos para o ensino de inglês. Um investimento não apenas em hardware mas também em softwares educacionais poderia estimular um uso variado. Por outro lado, a utilização quase unânime do computador para fins de pesquisa (Tabela 6) e a não realização de projetos de ensino ou aprendizagem por projetos (Questão 24, Tabela 7) deixam transparecer uma certa incerteza do momento que os docentes vivem na sua vida profissional e para o qual ainda estão tentando “aprender a aprender” (Tijiboy, 2001).

Além disso, não estariam os professores esperando propostas ou atividades prontas contidas em software, não percebendo que é possível utilizar sua criatividade e os recursos tecnológicos (apesar de não terem sido criados especialmente para ensinar inglês), como os apresentados nesta monografia?

Quanto à importância da incorporação das tecnologias nas aulas de inglês e, no caso de resposta afirmativa, o porquê dessa importância atribuída. (Questão 21 – Você acha importante a incorporação das tecnologias nas aulas de inglês? Por quê?)

Professor 1- Sim. Motiva os alunos, ajuda a ampliar os horizontes em relação ao uso do computador e é uma ferramenta que deve ser de acesso a todos.

Professor 2- Sim. É impossível separar as tecnologias de qualquer atividade atualmente.

Professor 3- Sim. Desde que houvesse mais computadores com microfone e jogos educativos/pedagógicos.

Professor 4- Sim. Porque os alunos se interessam e aprendem mais quando a tecnologia está envolvida.

Professor 5- Sim.

Professor 6- Sim. Ajuda na aprendizagem e aumenta o conhecimento.

Professor 7- Sim. Porque os alunos sentem mais interesse nos conteúdos dados.

Professor 8- Sim. Para aperfeiçoar o trabalho com os alunos.

Professor 9- Sim. Por mais que não queiramos admitir, os tempos mudaram e as aspirações pessoais dos alunos também.

Professor 10- Sim. Porque as tecnologias estão incorporadas em todas as áreas de nossas vidas.

Os dados coletados mostraram que todos (10) consideram importante a incorporação das tecnologias nas aulas de inglês. Os motivos informados foram o interesse dos alunos e sua motivação para com a aprendizagem, a necessidade da inclusão digital da escola na sociedade da Informação, visto que as tecnologias se encontram em todos os setores, e a otimização da aprendizagem. A constatação do interesse que as TIC aporta à aprendizagem, relatada pelos professores, vem ao encontro do que Veen e Vrakking (2009) ressaltam sobre os alunos da geração Homo zappiens. Isto é, seu fascínio pelas tecnologias, artefatos inerentes a sua geração.

Cabe salientar que o professor nº 3 ressentia-se da falta de computadores e da falta de recursos disponíveis. Isto levanta um questionamento sobre a relevância de manutenção dos equipamentos disponibilizados pelo governo, não bastando colocar esses recursos sem a devida reciclagem ou conserto para garantir condições necessárias básicas de uso.

Questionados sobre a reação dos alunos quando da utilização das TIC em suas aulas (Questão 22 - Nas suas experiências de utilização, como foi a reação da maioria dos alunos?), 30% responderam que foi ótima e 70% responderam que foi boa. Portanto, nenhum disse que a experiência foi regular ou ruim.

A boa e ótima aceitação por parte desses alunos confirma o que Prensky (20xx) e Veen e Vrakking (2009) enfatizam sobre os Nativos Digitais ou Homo zappiens, como dito anteriormente. Será que os professores têm consciência que ao incorporarem as tecnologias nas aulas estão se aproximando da forma de pensar, agir e aprender dos seus alunos, que apresentam características muito diferentes que aqueles de décadas anteriores? O fato de 100% (70% + 30%) dos alunos ter uma boa aceitação, deveria acordar esses docentes para a relevância da incorporação das mídias digitais no ensino.

Quando solicitados a citar um projeto envolvendo as TIC e o ensino de inglês desenvolvido por eles (Questão 24 – Mencione e descreva brevemente um projeto de sua autoria envolvendo o uso das tecnologias que você considera um destaque na sua atuação profissional), obteve-se o seguinte resultado:

Tabela 7 – Projeto de autoria dos professores envolvendo as TIC e o ensino de inglês

PROF.	Projeto de autoria do professor entrevistado
Nº 1	Não há nenhum projeto específico.
Nº 2	Não há nenhum projeto específico.
Nº 3	Não respondeu.
Nº 4	Não respondeu.
Nº 5	Não respondeu.
Nº 6	Não há nenhum projeto específico.
Nº 7	Não há nenhum projeto específico: Tenho turmas muito indisciplinadas e isso impede que eu vá ao laboratório.
Nº 8	Não respondeu.
Nº 9	Não há nenhum projeto específico.
Nº 10	Já fiz trabalho com música em que os alunos usavam a língua inglesa e dublavam, o que os ajudou a aprender vocabulário; também, partindo dessa música, fizeram uma apresentação (show) e um teatro na sala de aula.

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados da pesquisa.

As informações revelaram que, como esperado, 4 não responderam, 5 não fizeram nenhum projeto específico e, dentre esses, um deles, o professor 7, só utiliza o LABIN

para fixar conteúdos, alegando que suas turmas são bastante indisciplinadas e, apenas o professor 10 relatou já ter feito um projeto integrando TIC e o ensino do inglês, conforme consta na tabela acima.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No referencial teórico, ficou demonstrada a importância de escrever, ler, falar e entender bem a língua inglesa; não somente por motivo de troca de cultura entre os povos, mas por uma questão de obter melhores oportunidades de emprego e salários mais altos, visto que a aquisição do pleno conhecimento dessa língua é uma das competências exigidas pelo mercado de trabalho do século atual.

As constantes e diversas inovações tecnológicas apresentadas à sociedade baixaram seu custo e facilitaram seu acesso a maioria das pessoas. É raro, por exemplo, ver um adolescente sem celular, não importa a classe social da qual proceda.

Diante dessa realidade, torna-se difícil apresentar uma aula de inglês interessante e motivadora sem o uso das TIC. Qual criança ou adolescente quer aprender inglês de modo tradicional, copiando textos do quadro, fazendo exercícios sobre regras gramaticais com frases curtas e descontextualizadas, em exaustivos exercícios de repetição?

A geração Homo zappiens não suporta esse tipo de aula. Seu perfil é dinâmico, rápido e interativo, e seu mundo é amplamente digitalizado, conforme dizem Veen e Vrakking (2009, p. 35), “o Homo zappiens quer estar no controle daquilo com que se envolve e não tem paciência para ouvir um professor explicar o mundo de acordo com suas próprias convicções. Na verdade, o Homo zappiens é digital e a escola é analógica.”

E o professor, como está reagindo diante desse perfil de aluno?

Através da análise do questionário aplicado na pesquisa, pode-se observar que todos os professores têm uma boa familiaridade com as TIC e seus recursos: todos que responderam, têm computador, celular ou smartphone, utilizam sites de pesquisa, e a maioria faz uso de e-mail, do youtube, do Google Maps, participa de redes sociais, assiste videoaulas e realiza compras pela Internet.

Ao serem perguntados se acham importante a incorporação das tecnologias nas aulas de inglês, foram unânimes em responder afirmativamente.

Paradoxalmente, constatou-se na pesquisa que a utilização dos computadores nas aulas de inglês ainda é bastante incipiente, conforme questão nº 5, e o livro didático continua sendo o recurso mais utilizado. Quando levam os alunos ao LABIN, a maioria

utiliza apenas os sites de pesquisa (questão nº 18), alguns poucos fazem uso de jogos. Por que isso ocorre?

Foi possível verificar, através da tabela 4 e das questões abertas 16 e 17, algumas das razões da não incorporação das TIC nas aulas de inglês das escolas públicas municipais de Porto Alegre.

Os laboratórios de informática deixam muito a desejar: o número de computadores é baixo e, além disso, nem todos funcionam, ou seja, não há um serviço de manutenção; a qualidade da conexão com a Internet é regular ou ruim e faltam monitores para dar suporte aos professores. Ou seja, falta investimento dos gestores públicos em equipamentos modernos e na manutenção dos mesmos.

Pode-se perceber também, que não há um incentivo consistente por parte das escolas para que o LABIN seja utilizado com frequência. Concluiu-se que, como a maioria dos professores utiliza apenas os sites de pesquisa ao levar os alunos ao laboratório, estão sinalizando que não há *softwares* educacionais específicos para o ensino da língua inglesa.

Os dados sugerem ainda, que os esforços governamentais atuais não bastaram para uma mudança substancial no que diz respeito à utilização das TIC no ensino de inglês, mas que necessita de clareza no incentivo por parte dos gestores ou administradores escolares, mais próximos dos docentes. Cabe perguntar se investimentos em capacitações para os docentes, que unam tecnologia com as teorias de aprendizagem, colaborando para que surja uma consciência docente sobre as novas possibilidades pedagógicas das tecnologias na educação, seria um elemento crucial para mudar a realidade constatada em relação ao ensino de inglês em escolas municipais de Porto Alegre.

Esta pesquisa constatou que as tecnologias digitais ainda não estão inseridas nas práticas pedagógicas dos professores de inglês como deveriam. A sua inserção certamente tornaria as aulas mais significativas, interessantes e produtivas para a atual geração de alunos presentes em nossas escolas.

Esta monografia não esgotou a abordagem do tema, entretanto abre caminhos para que o mesmo possa ser aprofundado na busca de soluções dos problemas evidenciados. Deixa-se aqui o seguinte questionamento: Será que além dos motivos apontados anteriormente, entre as razões que impedem a transformação tão desejada e necessária para que a educação consiga acompanhar a evolução de seus alunos e da sociedade em

geral, não estariam sentimentos de medo misturados com acomodação por parte dos docentes?

REFERÊNCIAS

AMARAL, J. **Aprendizagem didática**: Blogs didáticos e as novas possibilidades no ensino de línguas na geração homo zappiens. Cruz Alta-RS, 2009. 86f. Monografia (Especialização em Linguística e Ensino de Línguas e Literaturas). Universidade de Cruz Alta - Curso de Letras.

ANTONIO, J. S. **Educação, trabalho e cidadania**. A educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico. São Paulo: Revista São Paulo em perspectiva. 2000.

BARBOSA, E. F. **Instrumentos de coleta de dados em pesquisa**. Curso de Especialização em Metodologias e Desenvolvimento e Avaliação de Projetos Educacionais – SEE-MG/CEFET – MG/1999. Disponível em: <http://www.tecnologiasdeprojeto.com.br/banco_objetos/%7B363E5BFD-17F5-433A-91A0-2F91727268E3%7D_instrumentos%20D%coleta.pdf> acesso em 02 jun. 2015.

BRASIL - Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Lei de Diretrizes e Bases (Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996)**. Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio Brasileiro. Ministério da Educação, 1999. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 10 fev. 2015.

BRASIL-PCN. Secretaria de educação Média e Tecnologia. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: MEC/SEMTEC, 2007.

BUENO, J.G.S. **Função social da escola e organização do trabalho pedagógico**. Curitiba-PR: Educar, 2001.

COELHO, M. F. **Os nativos digitais e as novas competências tecnológicas**. São Paulo: PUC, 2012.

CRISTOVÃO, V. L. L. **Modelos didáticos de gênero: uma abordagem para o ensino de língua estrangeira**. Londrina: UEL, 2007.

FARACO, C. A. **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. 2.ed. São Paulo: Editora Parábola, 2002.

FOLQUE, Maria da Assunção. Educação Infantil, tecnologia e cultura. **Revista Pátio**, Jul/Set-, 2011 – p. 8-11.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática da liberação**. São Paulo: Centauro, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8.ed. 3. reimpr. Campinas: Papirus, 2014.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** São Paulo: Editora 34, 1993.

MAGDALENA, B. C.; COSTA, Í. E. T. **Internet em Sala de Aula: com a palavra, os professores.** Porto Alegre, Artmed, 2003.

MARTINEVSKI, J. S. **Tecnologias como ferramentas de aprendizagem: o caso de duas escolas particulares de línguas em Porto Alegre.** Porto Alegre, 2013. 46f. Monografia (Graduação em Pedagogia). UFRGS.

MEIRIEU, P. **A pedagogia entre o dizer e o fazer: a coragem de recomeçar.** Trad. de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MORIN, E. **A ciência com consciência.** 6. Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

PILATTI, A.; SANTOS, M. E. M. dos. **O domínio da língua inglesa como fator determinante para o sucesso profissional no mundo globalizado (2014).** Universidade de Passo Fundo - RS. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/ser/article/download/1766/1174>>. Acesso em: 10 fev. 2015.

PIVA JÚNIOR, D. **Sala de aula digital: uma introdução à cultura digital para educadores.** São Paulo: Saraiva, 2013.

PRENSKY, M. *Digital Native, digital immigrants. Digital Native immigrants. On the horizon*, MCB University Press, Vol. 9, N.5, October, 2001. Disponível em: <<http://www.marcprensky.com/writing/prensky%20%20digital%20natives,%20digital%20immigrants%20-%20part1.pdf>>. Acesso em: 07 de janeiro de 2015.

REIS, S. C. dos; GOMES, Adilson Fernandes; LINCK, Anderson José Machado. Uso de podcast no ensino de língua inglesa: um estudo de caso. **Revista Escrita**, n.15, ano 2012 (escrita@puc-rio.br). Disponível em: <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/...>>. Acesso em: 19 fev. 2015.

SANTOS, M. P. dos. **As Disciplinas de Língua Estrangeira Moderna no Currículo Escolar da Educação Básica na Atualidade: algumas reflexões.** Revista Magistro. v. 2, n. 1, 2012. Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e Centro de Ensino Superior dos Campos Gerais (CESCAGE).

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações.** 7 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

SAVIANI, D. **Organização da educação nacional: Sistema e Conselho Nacional de Educação, Plano e Fórum Nacional de Educação.** Campinas-SP: UNICAMP. 2010.

SEKITANI, C. C. C. B. **A internet como ferramenta no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa**. Curitiba, 2010. 34f. Monografia (Especialização em Mídias Integradas na Educação). Universidade Federal do Paraná. Orientador: Prof Msc Suzana Maria Marques Zamberlan.

SILVA, M. L. da (Org.). **Novas tecnologias - educação e sociedade na era da informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

SIQUEIRA, K. M. de. Ensino de língua inglesa na era da informação e conhecimento: interatividade, aprendizagem e tecnologia no desenvolvimento da competência comunicacional. **BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, n.1, dez., 2011.

SOUZA E SANTOS, E. S. de. O ensino da língua inglesa no Brasil. **BABEL: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, n.1, dez., 2011.

TIJIBOY, A. V. As novas tecnologias e a incerteza na educação. In: SILVA, Mozart Linhares da (Org.). **Novas tecnologias: educação e sociedade na era da informação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, pp.39-55.

VEEN, W.; VRAKKING, B. **Homo Zappiens: educando na era digital**. Trad. Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VICENTINI, C. T.; BASSO, R. A. A. **O ensino de inglês através da música**. 2008. Disponível em: . Acesso em: 21 mar. 2015.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES

QUESTIONÁRIO

Prezado (a) professor (a)

Convidamo-lo (a) a responder ao seguinte questionário, o qual está vinculado ao projeto de pesquisa intitulado: “Ensino de Inglês com TIC nas escolas públicas municipais de POA: uma realidade?”. É uma pesquisa de Monografia para o curso de especialização Mídias na Educação oferecido pelo CINTED da UFRGS.

Desde já agradecemos a sua colaboração. Além disso, comprometemo-nos a guardar sigilo quanto ao seu nome e suas respostas. Por fim, colocamo-nos a sua disposição para compartilhar os resultados obtidos, caso seja de seu interesse.

Maria Angélica Paz Ribeiro (aluna) - e-mail: angeriver@cinted.ufrgs.br

Ana Vilma Tijiboy (orientadora) - e-mail: tijigirl@ufrgs.br

Sobre você

1. Qual seu gênero?

<input type="checkbox"/> Feminino	<input type="checkbox"/> Masculino	<input type="checkbox"/> Outro:
-----------------------------------	------------------------------------	---------------------------------
2. Qual sua faixa etária?

<input type="checkbox"/> De 20 a 35 anos	<input type="checkbox"/> 36 a 40 anos	<input type="checkbox"/> 51 a 55 anos
<input type="checkbox"/> 26 a 30 anos	<input type="checkbox"/> 41 a 45 anos	<input type="checkbox"/> 56 a 60 anos
<input type="checkbox"/> 31 a 35 anos	<input type="checkbox"/> 46 a 50 anos	<input type="checkbox"/> mais de 60 anos
3. Há quanto tempo você leciona?
4. Há quanto tempo você leciona Língua Estrangeira?
5. Como você desenvolve suas aulas em termos de metodologia e recursos pedagógicos?
6. Qual seu grau de escolaridade?

<input type="checkbox"/> Magistério	<input type="checkbox"/> Mestrado
<input type="checkbox"/> Graduação	<input type="checkbox"/> Doutorado
<input type="checkbox"/> Especialização	
7. Realizou algum curso de formação envolvendo tecnologias na educação?

<input type="checkbox"/> sim	<input type="checkbox"/> não
------------------------------	------------------------------
8. Em caso afirmativo, qual foi o curso?

Sobre o tema pesquisado

9. Quais tecnologias você usa no seu dia-a-dia?

- celular notebook ou PC
 smartphone DVD
 tablet outros:

10. Se você tem acesso à Internet em casa, quais recursos você utiliza?

- pesquisa (google) sites de street view
relacionamentos vídeoaulas
 redes sociais (Facebook) youtube jogos
 sites de compras outros: e-mails
 Google maps

Sobre o LABIN (Laboratório de Informática) da sua escola

11. Quantos computadores tem?

12. Que tipo de computador (UCA, notebook ou PC)?

13. Quais recursos esses computadores possuem?

- jogos educativos editor de slides
 editor de texto planilhas
 editor de desenho outros:

14. Tem acesso à Internet?

- sim não

15. Em caso afirmativo, qual a qualidade da conexão na maioria das vezes?

- ótima regular
 boa ruim

16. A sua escola incentiva o uso dos computadores com os alunos?

- sim não mais ou menos

17. Em caso afirmativo, de que forma?

18. Você utiliza ou utilizou os computadores nas suas aulas de Inglês?

- sim
 não

19. Em caso afirmativo, de que forma? Quais são os recursos utilizados? Para que fins?

20. Caso você não utilize, quais são as razões para a não utilização?

- Não tenho formação no uso das tecnologias na Educação.
- Não domino os recursos existentes no LABIN.
- Número insuficiente de computadores para a turma de alunos no LABIN.
- Dispersão dos alunos que a utilização dos computadores causa.
- Os recursos informáticos disponíveis não contribuem no ensino de Inglês.
- Não tenho clareza sobre como os recursos existentes no laboratório podem otimizar o ensino de Inglês.
- Outros:

21. Você acha importante a incorporação das tecnologias nas aulas de Inglês?

- sim
- não

Por quê?

22. Nas suas experiências de utilização, como foi a reação da maioria dos alunos?

- ótima boa regular ruim

23. Como você percebe a utilização das TICs como ferramenta para o ensino de Inglês na sua escola?

- ótima boa regular ruim

24. Mencione e descreva brevemente um projeto de sua autoria envolvendo o uso das tecnologias que você considere um destaque na sua atuação profissional.